

Referências bibliográficas

ABDALLAH-PRETCEILLE, M. **La educación intercultural**. Barcelona: Idea Books, 2001.

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W. & BRANCO, P. P. M. (orgs). **Retratos da juventude brasileira**. Análises de uma pesquisa nacional. Porto Alegre: Instituto Cidadania, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005a.

_____. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M^a V. de (org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005b.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 5 e 6, mai/dez 1997.

ABRAMO, H. W. & BRANCO, P. P. M. (orgs). **Retratos da juventude brasileira**. Análises de uma pesquisa nacional. Porto Alegre: Instituto Cidadania; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, H. W., FREITAS, M^a V. & SPOSITO, M. P. (orgs). **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, Ação Educativa, 2000.

ABRAMOVAY, M. & equipe de pesquisa. Escolas inovadoras: um retrato de alternativas. In: UNESCO. **Desafios e alternativas**: violências nas escolas. Brasília: Unesco Brasil et al., 2003.

ABRAMOVAY, M. & RUA, M^a das G. **Violência nas escolas**. Brasília: Unesco Brasil et al., 2003.

ABREU, R. de C. M. B. **Um sujeito chamado adolescente**: uma reflexão sobre suas práticas culturais na contemporaneidade. Dissertação (Mestrado). Departamento de Educação da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2002.

ALMEIDA, M^a I. M. de & TRACY, K. M^a de A. **Noites nômades**. Espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ALTMANN, H. **Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola**. Tese (doutorado). Departamento de Educação da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2005.

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**. Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa Editora, 2001.

ANDRADE, F. C. B de. **Ser uma lição permanente**: Psicodinâmica da competência inter-relacional do(a) educador(a) na gestão de conflitos e na

prevenção da violência na escola. Tese (doutorado). Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro, 2005.

ANDRÉ, M. E. D. A & LÜDKE, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ANTUNEZ, S. et al. **Disciplina e convivência na instituição escolar**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

ARAÚJO, U. W. Respeito e autoridade na escola. In: AQUINO, J. G. (org.). **Autoridade e autonomia na escola**. Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AQUINO, J. G. (org.). **Indisciplina**. O contraponto das escolas democráticas. São Paulo: Moderna, 2003.

_____. **Autoridade e autonomia na escola**. Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999.

_____. (org.). **Indisciplina na escola**. Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

AZANHA, J. M. P. **Uma idéia de pesquisa educacional**. São Paulo: Ed. da USP, 1992.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Questões de literatura e de estética**. A teoria do romance. São Paulo: Hucitec, Unesp, 1993.

_____. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BITTENCOURT, L. P. Foucault e a educação: liberdade ou controle. In: III Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação – Foucault 80 anos, UERJ, Rio de Janeiro, 2006. **Anais do III Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação – Foucault 80 anos**. CD-ROM, Rio de Janeiro, 2006.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRAIT, B. A natureza dialógica da linguagem: forma e graus de representação dessa dimensão constitutiva. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C. & CASTRO, G. de. (orgs). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

BRANDÃO, Z. **Pesquisa na educação**. Conversas com pós-graduandos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

BRITO, A. X. & LEONARDOS, A. C. A identidade das pesquisas qualitativas: construção de um quadro analítico. **Cadernos de Pesquisa**. Campinas, n. 113, julho 2001.

CAMACHO, L. M. Y. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes**. Um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si. Tese (doutorado). Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2000.

CANDAU, V. M^a. (org.). **Educação intercultural e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006a.

_____. Direitos humanos, educação e interculturalidade. In: **Congresso Interamericano de Educação em Direitos Humanos nas Sociedades Contemporâneas**. Brasília, 2006b, mimeo.

_____. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. In: _____. (org.). **Cultura(s) e educação**. Entre o crítico e o pós-crítico. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Paz nas escolas**. Novamerica, Rio de Janeiro, 2004, mimeo.

_____. Didática e multiculturalismo: uma aproximação. In: XI Endipe – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Goiânia, 2002. LISITA, V. M. & SOUSA, L. F. (orgs). **Políticas educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. (org.). **Sociedade, Educação e Cultura(s)**. Questões e propostas. Petrópolis: Vozes, 2002a.

_____. A didática e a formação de educadores – Da exaltação à negação: a busca da relevância. In: _____. (org.). **A didática em questão**. Petrópolis: Vozes, 2002b.

_____. (org.). **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Da didática fundamental ao fundamental da didática. In: ANDRÉ, M. E. D. A. de & OLIVEIRA, M^a R. N. S. (orgs). **Alternativas no ensino de Didática**. Campinas: Papirus, 1997.

- CANDAU, V. M^a & LEITE, M. S. Diálogos entre diferença e educação. In: CANDAU, V. M^a. (org.). **Educação intercultural e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.
- CANDAU, V. M^a, LUCINDA, M^a da C. & NASCIMENTO, M^a das G. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CARBONE, R. A. & MENIN, M^a S. de S. Injustiça na escola: representações sociais de alunos do ensino fundamental e médio. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 2, mai/ago 2004.
- CARVALHO, J. M. de. **Cidadania no Brasil**. O longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. V. 2. O poder da identidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- CASTRO, L. R. Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In: _____. (org.). **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: Nau, Faperj, 2001.
- CASTRO, L. R. & CORREA, J. Apresentação. In: _____. (orgs). **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: Nau, Faperj, 2005.
- CHAMLIAN, H. C. Disciplina: uma questão crucial na Didática. In: CASTRO, A. D. & CARVALHO, A. M^a P. (orgs). **Ensinar a ensinar**. Didática para a Escola Fundamental e Média. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- CORTI, A. P.; FREITAS, M^a V. & SPOSITO, M. P. (orgs). **O encontro das culturas juvenis com a escola**. São Paulo: Ação Educativa, 2001.
- CORTI, A. P. & SOUZA, R. **Diálogos com o mundo juvenil**. Subsídios para educadores. São Paulo: Ação Educativa, 2004.
- COSTA, J. F. da. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- COSTA, M. da. **“Heaven is here”** – a case study of contrasting public schools in Rio de Janeiro. In: **New directions in sociology of education in/for the 21st century**, CD-ROM, International Sociological Association, Cypress College, Nicosia, 2007.
- COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H. & SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 23, mai/jun/jul/ago 2003.

COVALESKIE, J. F. **Power goes to school: teachers, students and discipline.** S/d. Disponível em: < <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault> >. Acesso em 01/10/2005.

DEBARBIEUX, É. “Violência nas escolas”: divergência sobre palavras e um desafio político. In: DEBARBIEUX, É. & BLAYA, C. (orgs). **Violência nas escolas e políticas públicas.** Brasília: Unesco, 2002.

_____. A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997). **Educação e Pesquisa.** São Paulo, v. 27, n. 1, jan/jun 2001.

_____. **La violence en milieu scolaire. 2 – Le désordre des choses.** Paris: PUF, 2000.

_____. **La violence dans la classe.** Expériences et pratiques dans des classes difficiles. Paris: ESF, 1999a.

_____. La violence en milieu scolaire. In: **Education et politique de la ville: Actes de l’université d’automne.** IUFM de Créteil, 1999b. Disponível em: <http://pedagogie.ac-montpellier.fr/rep/repertoire/repert3/vei/deberbieux.htm>. Acesso em: 18/09/2005.

_____. **La violence en milieu scolaire. 1 – État des lieux.** Paris: PUF, 1996.

DEBARBIEUX, E. & DEUSPIENNE, K. R. Das estatísticas oficiais aos levantamentos sobre vitimização, delinquência juvenil e violência na escola. In: UNESCO. **Desafios e alternativas: violências nas escolas.** Brasília: Unesco Brasil et alli, 2003.

DELEUZE, G. **Conversações.** São Paulo: Ed. 34, 1992.

DREYFUS, H. L. & RABINOW, P. Sobre a genealogia da ética. In: ESCOBAR, C. H. **O dossier.** Últimas entrevistas. Rio de Janeiro: Livraria Taurus, 1984.

DUBET, F. **Le déclin de l’institution.** Paris: Éditions du Seuil, 2002.

DUBET, F. & MARTUCELLI, D. **Dans quelle société vivons-nous?** Paris: Éditions du Seuil, 1998.

_____. **À l’école.** Sociologie de l’expérience scolaire. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

ECO, H. **Apocalípticos e integrados.** São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. **Interpretação e superinterpretação de textos.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ELIAS, N. **O processo civilizador.** V. 1. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.

- _____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.
- _____. **O processo civilizador**. V. 2. Formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- ELIAS, N. & SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- ESTRELA, M^a T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Porto, Portugal: Porto, 2002.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. UnB, 2001.
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo** – as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar, 2003.
- FARACO, C. A.; TEZZA, C. & CASTRO, G. de. (orgs). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.
- FARIA, F^o, L. M. & VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 14, mai/ago 2000.
- FISCHER, R. M^a B. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 35, mai/ago 2007.
- _____. **Adolescência em discurso**. Mídia e produção de subjetividade. Tese (doutorado). Faculdade de Educação da UFRGS, 1996.
- FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. In: 20^a Reunião Anual da Anped – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Caxambu, 1998. **Anais da 20^a Reunião Anual da Anped**. CD-ROM. Caxambu, 1998.
- FORQUIN, J-C. **Escola e cultura**. As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: ArtMed, 1993.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. **História da sexualidade**. V. 2. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **História da sexualidade**. V. 3. O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade**. V. 1. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FREIRE, P. & SHOR, I. O que é 'método dialógico' de ensino? O que é uma 'pedagogia situada' e o *empowerment*? In: _____. **Medo e ousadia**. O cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREITAS, M^a T. de A. Bakhtin e a psicologia. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C. & CASTRO, G. de. (orgs). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

FREITAS, M^a V. de (org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Retornos da Educação**. Rio de Janeiro, s/d. Disponível em <http://www.fgv.br/cps>. Acesso em 21/8/07.

GARCIA CANCLINI, N. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIMENO SACRISTÁN, J. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: ArtMed, 2005.

GIROUX, H. La pedagogia radical como política cultural: más allá del discurso de la crítica y el antiutopismo. In: MCLAREN, P. (org.). **Pedagogía crítica e cultura depredadora**. Barcelona: Paidós, 1997.

GODINHO, E. M^a. **Educação e disciplina**. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 1995.

GONÇALVES, M. S. Nós e a Internet. In: NICOLACI-DA-COSTA, A. M^a. (org.). **Cabeças digitais**. O cotidiano na era da informação. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Loyola, 2006.

GREEN, B. & BIGUM, C. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, T. T. da. (org.). **Alienígenas na sala de aula**. Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 2002.

GUIMARÃES, E. **Escolas, galeras e narcotráfico**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

IBGE. **Perfil das despesas no Brasil**. 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 29/8/07.

LA TAILLE, Y., SOUZA, L. S. & VIZOLI, L. Ética e educação: uma revisão da literatura educacional de 1990 a 2003. **Educação & Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 1, jan/abr 2004.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares**. As razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LÉLIS, I. O significado da experiência escolar para segmentos das camadas médias. **Cadernos de Pesquisa**. Campinas, v. 35, n. 125, mai/ago 2005a.

_____. Lidar com a dispersão: um desafio para o professor. **Educação On-line**. Rio de Janeiro, PUC-Rio, n. 1, 2005b. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/sobrepuc/depto/educacao/index.html>. Acesso em 20/2/06.

LOPES NETO, A. A. & SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o bullying**. Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes. Rio de Janeiro: Abrapia, 2003.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas, Pontes, 1989.

MARCONDES, D. A crise e o surgimento da modernidade. In: BRANDÃO, Z. (org.). **A crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

MARTIN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo**. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTINS, H. Sobre a estabilidade do significado em Wittgenstein. In: **Revista Veredas**. Juiz de Fora, 2000.

MCLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **A vida nas escolas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. **Rituais na escola**. Em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação. Petrópolis: Vozes, 1992.

MELLO, G. N. de. **Magistério de 1º grau**. Da competência técnica ao compromisso político. São Paulo: Cortez, 1982.

MENDES DE ALMEIDA, M^a I. & TRACY, K. M^a de A. **Noites nômades.** Espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

MINAYO, M^a C. et alli. **Fala Galera.** Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

NASCIMENTO, W. F. do. **Ética e subjetivação.** S/d. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault> >. Acesso em: 01/10/2005.

MORAES, E. J. de. Hanna Arendt. Filosofia e política. In: MORAES, E. J. de & BIGNOTTO, N. (org.). **Hanna Arendt: diálogos, reflexões, memórias.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M^a. Internet: uma nova plataforma de vida. In: _____. (org.). **Cabeças digitais.** O cotidiano na era da informação. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Loyola, 2006.

_____. **Na malha da rede.** Os impactos íntimos da internet. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

NOVAES, R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças, trajetórias. In: ALMEIDA, M^a I. de & EUGENIO. F. (orgs). **Culturas jovens: novos mapas do afeto.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In: ABRAMO, H.; FREITAS, M^a V. de & SPOSITO, M. P. (orgs). **Juventude em debate.** São Paulo: Cortez, Ação Educativa, 2000.

OLIVEIRA, J. M. A. de. Vontade de verdade na contemporaneidade: “novos” dispositivos de controle. In: III Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação – Foucault 80 anos, UERJ, Rio de Janeiro, 2006. **Anais do III Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação – Foucault 80 anos.** CD-ROM, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, M^a R. N. S. **Confluências e divergências entre Didática e Currículo.** Campinas: Papirus, 1998.

_____. **A reconstrução da Didática: elementos teórico-metodológicos.** Campinas: Papirus, 1992.

PAIN, J. **L'autorité aujourd'hui?** Oui, mais sous conditions. Paris, 2003. Disponível em: <http://cpe.paris.iufm.fr/spip.php?article631>. Acesso em 30/6/07.

_____. **Violences:** la lutte contre la violence à l'école ne fait que commencer. Paris, 2002. Disponível em: <http://cpe.paris.iufm.fr/spip.php?article631>. Acesso em 30/6/07.

PERALVA, A. **Violência e democracia**. O paradoxo brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

_____. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto: Porto Editora, 1995.

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

PIMENTA, S. G. A prática (e a teoria) docente resignificando a Didática. In: ANDRÉ, M. E. D. A. & OLIVEIRA, M^a R. N. S. de (orgs). **Alternativas no ensino de didática**. Campinas: Papirus, 1987.

PINKER, S. **O instinto da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PORTINARI, D. & COUTINHO, F. R. A roupa faz o homem: a moda como questão. In: ALMEIDA, M^a I. de & EUGENIO. F. (orgs). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PORTO, L. F. **Violência e cotidiano escolar: possibilidades de minimização**. Rio de Janeiro, 2002. Dissertação (Mestrado). Departamento de Educação da PUC-Rio.

PREFEITURA da Cidade do Rio de Janeiro. **Circular E/DGED/DEF**, n. 154. Rio de Janeiro, 2002.

REGUILLO, R. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 23, mai/jun/jul/ago 2003.

REIS, C. E. dos. **Violência escolar**. A perspectiva da Folha de S. Paulo. Florianópolis: UFSC, 2003.

REVISTA Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 5 e 6, mai-dez 1997.

REVISTA O Globo. Rio de Janeiro, n. 95, maio 2006.

RIBEIRO, E.; LÂNES, P. & CARRANO, P. (orgs). **Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas**. Relatório final. Rio de Janeiro-São Paulo, Ibase-Polis, 2005. Disponível em: <http://www.ibase.org.br>. Acesso em 23/7/07.

RIBEIRO, R. J. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, R. & VANNUCHI, P. (orgs). **Juventude e sociedade**. Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Fund. Perseu Abramo, 2004.

ROCHA, C. M^a F. Espaços escolares: nada fora do controle. In: 23^a Reunião Anual da Anped – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Caxambu, 2002. **Anais da 23^a Reunião Anual da Anped**. CD-ROM. Caxambu, 2001.

RODRIGUES, S. (superv.). **Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas**. Relatório regional. Rio de Janeiro, Ibase, 2006. Disponível em: <http://www.ibase.org.br>. Acesso em 23/7/07.

ROSA, M. **A reputação na velocidade do pensamento**. Imagem e ética na era digital. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

ROURE, S. A. G. de. Concepções de indisciplina escolar e limites do psicologismo na educação. In: 24^a Reunião Anual da Anped – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Caxambu, 2002. **Anais da 24^a Reunião Anual da Anped**. CD-ROM. Caxambu, 2002.

SALLES, L. M^a F. **Adolescência, escola e cotidiano**. Contradições entre o genérico e o particular. Piracicaba: Unimep, 1998.

SANTOS, B. de S. Uma concepção multicultural de direitos humanos. **Lua Nova**. Revista de Cultura e Política. São Paulo, Cedec, 1997.

SARLO, B. **Paisagens imaginárias**. São Paulo: EdUSP, 2005.

_____. **Cenas da vida pós-moderna**. Intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SILVA, T. T. **Teoria cultural da educação**. Vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. (org.). **O sujeito da Educação**. Estudos Foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994.

SILVEIRA, R. M^a H. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, M. V. (org.). **Caminhos investigativos II**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SIROTA, R. **A escola primária no cotidiano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença**. E se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SOARES, M. 20 anos de ENDIPE: Uma tentativa de compreensão do campo. In: XX Endipe – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Rio de Janeiro,

2000. CANDAU, V. M^a (org.). **Didática, currículo e saberes escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SOUZA, M^a C. de. Os estudos sobre aspectos psicossociais de adolescentes. In: SPOSITO, M. P. (coord.). **Juventude e escolarização**. Estado do conhecimento. São Paulo, Ação Educativa, 2000. Disponível em <http://www.acaoeducativa.org.br>. Acesso em 05/10/2005.

SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W. & BRANCO, P. P. M. (orgs). **Retratos da juventude brasileira**. Análises de uma pesquisa nacional. Porto Alegre: Instituto Cidadania, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

_____. **Os jovens no Brasil**. Desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa, 2003. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br>. Acesso em 3/7/07.

_____. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 27, n. 1, jan/jun 2001.

_____. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da Educação. In: _____. (org.). **Juventude e escolarização**. Estado do conhecimento. 2000. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br>. Acesso em 21/10/05.

_____. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 5 e 6, mai/dez 1997.

STAM, R. **Bakhtin**. Da teoria literária à cultura de massa. São Paulo: Ática, 1992.

TIGRE, M^a das G. do E. S. Violência na escola: análise da influência das mudanças socioculturais. In: 26^a Reunião Anual da Anped – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Caxambu, 2002. **Anais da 26^a Reunião Anual da Anped**. CD-ROM. Caxambu, 2002.

TODOROV, T. Prefácio à edição francesa. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TORRES, C. A. **Democracia, Educação e Multiculturalismo**. Petrópolis: Vozes, 2001.

TURA, M^a de L. R. **O olhar que não quer ver**. Histórias da Escola. Petrópolis: Vozes, 2000.

UNESCO. **Desafios e alternativas: violências nas escolas**. Brasília: Unesco Brasil et alli, 2003.

- VASCONCELLOS, C. dos S. **Disciplina**. Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad, 2000.
- VEIGA NETO, A. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- VELHO, G. e ALVITO, M. **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: UERJ/FGV, 1996.
- VIEIRA, K. A. L. As contribuições foucaultianas para as relações autoridade/escola. In: III Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação – Foucault 80 anos, UERJ, Rio de Janeiro, 2006. **Anais do III Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação – Foucault 80 anos**. CD-ROM, Rio de Janeiro, 2006.
- WAIZBORT, L. (org.). **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Edusp, 2001.
- WILLIAMS, R. **Palavras-chave**. Um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.
- _____. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- _____. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WILLINSKY, J. Política educacional da identidade e do multiculturalismo. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 117, 2002.
- WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- XAVIER, M^a L. (org.). **Disciplina na escola**. Enfrentamentos e reflexões. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- ZAGURY, T. **O professor refém**. Para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- ZALUAR, A. (org.). **Violência e Educação**. São Paulo, Cortez, 1992.
- ZANTEN, A. van. Cultura da rua ou cultura da escola? **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 26, n. 1, jan/jun 2000.

Apêndice 1

Quadros estatísticos

Quadro 1 - Bairro/rua residência

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	2	,9	,9	,9
Copacabana	1	,5	,5	1,4
Laranjeiras	1	,5	,5	1,9
Av. Marechal Rondon	1	,5	,5	2,3
Babilônia	1	,5	,5	2,8
Bonsucesso	1	,5	,5	3,3
Botafogo	51	23,9	23,9	27,2
Campo Grande	1	,5	,5	27,7
Catete	9	4,2	4,2	31,9
Catumbi	1	,5	,5	32,4
Centro	7	3,3	3,3	35,7
Copacabana	57	26,8	26,8	62,4
Cosme Velho	1	,5	,5	62,9
Duque de Caxias	1	,5	,5	63,4
Flamengo	20	9,4	9,4	72,8
Glória	5	2,3	2,3	75,1
Ilha do Governador	2	,9	,9	76,1
Ladeira Ari Barroso	3	1,4	1,4	77,5
Ladeira do São Bento	1	,5	,5	77,9
Ladeira dos Tabajaras	2	,9	,9	78,9
Lagoa	2	,9	,9	79,8
Lapa	4	1,9	1,9	81,7
Laranjeiras	5	2,3	2,3	84,0
Leme	7	3,3	3,3	87,3
Morro do Chapéu	3	1,4	1,4	88,7
Mangueira Nova	1	,5	,5	89,2
Holanda	1	,5	,5	89,2
Pavão	2	,9	,9	90,1
Pavãozinho	2	,9	,9	90,1
R. Luiz Onofre	1	,5	,5	90,6
Alves	1	,5	,5	90,6
Rocinha	1	,5	,5	91,1
Santa Teresa	1	,5	,5	91,5

Urca	18	8,5	8,5	100,0
Total	213	100,0	100,0	

Quadro 2 - Escolaridade da mãe

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Ensino fundamental	68	31,9	35,8	35,8
	Ensino médio	86	40,4	45,3	81,1
	Ensino superior	36	16,9	18,9	100,0
	Total	190	89,2	100,0	
Missing	-99	21	9,9		
	System	2	,9		
	Total	23	10,8		
Total		213	100,0		

Quadro 3 - Escolaridade do pai

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Ensino fundamental	53	24,9	29,0	29,0
	Ensino médio	82	38,5	44,8	73,8
	Ensino superior	48	22,5	26,2	100,0
	Total	183	85,9	100,0	
Missing	-99	30	14,1		
Total		213	100,0		

Quadro 4 - Ocupação profissional da mãe

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid		5	2,3	2,3	2,3

acompanha	1	,5	,5	2,8
administrad	3	1,4	1,4	4,2
advogada	1	,5	,5	4,7
aeroviária	1	,5	,5	5,2
ajudante	2	,9	,9	6,1
cozinha				
arquiteta	1	,5	,5	6,6
assist	1	,5	,5	7,0
gerência				
atendente	2	,9	,9	8,0
atendente	1	,5	,5	8,5
consultóri				
autônoma	3	1,4	1,4	9,9
auxiliar de	1	,5	,5	10,3
escritór				
auxiliar de	1	,5	,5	10,8
farmácia				
auxiliar	1	,5	,5	11,3
descritório				
auxiliar	1	,5	,5	11,7
escritório				
balconista	1	,5	,5	12,2
bancária	2	,9	,9	13,1
bióloga	1	,5	,5	13,6
cabeleireira	1	,5	,5	14,1
camareira	1	,5	,5	14,6
chef	1	,5	,5	15,0
cozinha				
chefe depto	1	,5	,5	15,5
pessoal				
comerciante	8	3,8	3,8	19,2
comerciária	2	,9	,9	20,2
confeiteira	1	,5	,5	20,7
contadora	1	,5	,5	21,1
corretora	1	,5	,5	21,6
costureira	2	,9	,9	22,5
cozinheira	1	,5	,5	23,0
diarista	3	1,4	1,4	24,4
do lar	72	33,8	33,8	58,2
doceira	1	,5	,5	58,7
doméstica	12	5,6	5,6	64,3
empresária	1	,5	,5	64,8
esteticista	2	,9	,9	65,7
falecida	3	1,4	1,4	67,1
fonoaudiólo	2	,9	,9	68,1
funcionária	6	2,8	2,8	70,9
pública				
garçonete	1	,5	,5	71,4
gerente	1	,5	,5	71,8
comercial				

gerente de salão	1	,5	,5	72,3
gerente de vendas	1	,5	,5	72,8
gerente imobiliária	1	,5	,5	73,2
hoteleira	1	,5	,5	73,7
instrument cirúrgica	1	,5	,5	74,2
jornaleira	1	,5	,5	74,6
manicure	3	1,4	1,4	76,1
motorista	3	1,4	1,4	77,5
operadora de caixa	3	1,4	1,4	78,9
porteira	2	,9	,9	79,8
professora	15	7,0	7,0	86,9
psicóloga	1	,5	,5	87,3
repcionist	5	2,3	2,3	89,7
secretária	6	2,8	2,8	92,5
tapeceira	1	,5	,5	93,0
técnica eletroencefa	1	,5	,5	93,4
técnica enfermagem	3	1,4	1,4	94,8
técnica laboratório	2	,9	,9	95,8
telefonista	1	,5	,5	96,2
vendedora	8	3,8	3,8	100,0
Total	213	100,0	100,0	

Quadro 5 - Ocupação profissional do pai

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	17	8,0	8,0	8,0
suboficial militar	1	,5	,5	8,5
administrado	4	1,9	1,9	10,3
advogado	4	1,9	1,9	12,2
agente administrati	2	,9	,9	13,1
agente de segurança	1	,5	,5	13,6
analista de sistemas	1	,5	,5	14,1
apoiador hospital	1	,5	,5	14,6

aposentado	4	1,9	1,9	16,4
arquiteto	1	,5	,5	16,9
artista plástico	1	,5	,5	17,4
assistente administrativo	1	,5	,5	17,8
assistente comercial	1	,5	,5	18,3
atendente	1	,5	,5	18,8
autônomo	10	4,7	4,7	23,5
auxiliar de corretor	1	,5	,5	23,9
auxiliar de recepção	1	,5	,5	24,4
balconista	5	2,3	2,3	26,8
bancário	4	1,9	1,9	28,6
barman	1	,5	,5	29,1
biólogo	1	,5	,5	29,6
bombeiro	1	,5	,5	30,0
carteiro	1	,5	,5	30,5
chaveiro	1	,5	,5	31,0
cobrador	1	,5	,5	31,5
comerciante	11	5,2	5,2	36,6
comerciário	3	1,4	1,4	38,0
Comlurb	1	,5	,5	38,5
contador	2	,9	,9	39,4
corretor	6	2,8	2,8	42,3
corretor seguros	1	,5	,5	42,7
dentista	1	,5	,5	43,2
eletricista	2	,9	,9	44,1
empresário	1	,5	,5	44,6
encarregado de almox	1	,5	,5	45,1
engenheiro	5	2,3	2,3	47,4
estagiário	1	,5	,5	47,9
estoquista	1	,5	,5	48,4
falecido	6	2,8	2,8	51,2
faxineiro	1	,5	,5	51,6
frentista	1	,5	,5	52,1
funcionário hotel	1	,5	,5	52,6
funcionário público	6	2,8	2,8	55,4
garagista	1	,5	,5	55,9
garçon	2	,9	,9	56,8
gerente	1	,5	,5	57,3
gerente comercial	1	,5	,5	57,7
gerente de	1	,5	,5	58,2

vendas				
gerente	1	,5	,5	58,7
restaurante	1	,5	,5	59,2
lanterneiro	1	,5	,5	59,6
laqueador	1	,5	,5	60,1
marceneiro	1	,5	,5	60,6
marítimo	1	,5	,5	60,6
mecânico	3	1,4	1,4	62,0
mecânico	1	,5	,5	62,4
refrigeraçã				
mensageiro	1	,5	,5	62,9
hotel				
motorista	11	5,2	5,2	68,1
músico	2	,9	,9	69,0
numerólogo	1	,5	,5	69,5
office boy	1	,5	,5	70,0
oficial				
militar	4	1,9	1,9	71,8
pedreiro	1	,5	,5	72,3
porteiro	14	6,6	6,6	78,9
prensista	1	,5	,5	79,3
professor	4	1,9	1,9	81,2
publicitário	1	,5	,5	81,7
radialista	2	,9	,9	82,6
representant	1	,5	,5	83,1
comerc				
securitário	1	,5	,5	83,6
segurança	4	1,9	1,9	85,4
servente	1	,5	,5	85,9
suboficial				
militar	10	4,7	4,7	90,6
taxista	6	2,8	2,8	93,4
técnico				
eletrônica	1	,5	,5	93,9
técnico				
informática	1	,5	,5	94,4
terapeuta	1	,5	,5	94,8
tradutor	1	,5	,5	95,3
vendedor	7	3,3	3,3	98,6
vidraceiro	2	,9	,9	99,5
zelador	1	,5	,5	100,0
Total	213	100,0	100,0	

Quadro 6 - Concurso

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	34	16,0	39,5	39,5
	Sim	52	24,4	60,5	100,0
	Total	86	40,4	100,0	
Missin g	-99	14	6,6		
	System	113	53,1		
	Total	127	59,6		
Total		213	100,0		

Apêndice 2 Geral

Na transcrição das fitas:

- Frase incompleta: ...
- Pausa na fala (pode suceder a uma frase incompleta): [p]
- Fala incompreensível: [i]
- Ênfase na fala: sublinhado
- Fala sobreposta: [fs] no começo e no final das partes sobrepostas
- Gaguejar: [g]
- Registrar os risos e vícios de linguagem: [risos], “é...”, “aham” e similares
- Para identificar os falantes: P = pesquisadora; E = entrevistada/o; no caso das entrevistas com grupos de alunos, identificar o aluno falante pelo nome
- Indicar também as interrupções na gravação

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM DIRETORA/DIRETORA ADJUNTA

- Trajetória profissional e na Escola.
- A escola mudou muito nesses anos (de atuação na Escola)?
- Como estão as sétimas e as oitavas deste ano, em termos de comportamento e de perspectiva de desempenho?
- Tem alguma turma dessas séries que se destaque nesse sentido, positiva ou negativamente?
- Tem alguma disciplina dessas séries que se destaque nesse sentido, positiva ou negativamente?
- Existe violência aqui na escola?
- Você já me falou que a escola não tem regimento. Existe algum documento em que se registrem regras de convivência?
- Como se definem essas regras? Como os alunos tomam conhecimento dessas regras?

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES DAS AULAS OBSERVADAS

▪ Trajetória

- Formação e atuação profissional em geral;
- Inserção na EM;
- Planos futuros.

▪ Formação pedagógica

- Autores.
- Ajudou na sua prática?
- Fez algum curso na área de educação depois da licenciatura? E fora da educação, fez algum?
- Costuma ou costumava freqüentar algum encontro na área de educação? Já ouviu falar do Endipe?

▪ Visão da escola

- Caracterização geral da escola;
- Principais problemas;
- Encaminhamentos para esses problemas;
- Matizar.

▪ Visão do aluno da escola

- Caracterização geral do corpo discente.
- Como supõe que os alunos costumam ocupar seu tempo livre?
- Qual o sentido da escola para esses alunos?
- Matizar.

▪ Visão da adolescência atual

- Caracterização geral da adolescência atual;

- Comparar com gerações anteriores;
- Matizar.

- **Indisciplina, violência**

- Como avalia a questão comportamental na escola?
- Percebe violência?
- Percebe *bullying*?
- Percepção da indisciplina na sua aula:
 - Em termos do comportamento dos alunos, como você percebe a sua aula?
 - Houve alguma situação em sala de aula que você destacaria como especialmente difícil, neste ano ou no ano passado, com essas turmas?
 - Na sua experiência, o que dificulta e o que favorece uma melhor regulação do coletivo em sala de aula?
 - Percebe dispersão na sua aula? Quando? De que maneira se manifesta? A que atribui?

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS ALUNOS

- **Visão da escola em geral**
 - Sentidos, funções
 - Prazeres
 - Desagrados, dificuldades

- **Visão da Escola dos Murais**
 - Sentidos, funções
 - Avaliação das condições de estudo (O que você mudaria na escola?)
 - Prazeres (O que você não mudaria?)
 - Funcionamento da sala de aula (pedir exemplos)
 - Indisciplina e violência na escola (pedir exemplos)
 - Participação ou não no NAM (justificativa, avaliação, exemplos)

- **Hábitos de estudo**
 - Como, quando, quanto, o quê

- **Fora da escola**
 - Música (meio e conteúdo)
 - Relação com amigos (quem, espaços)
 - Leituras (quantitativo e qualitativo)
 - Televisão (idem)
 - Cinema (idem)
 - Praia e outros locais de encontro
 - Internet, Orkut, MSN

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM A AGENTE EDUCADORA

- Formação e experiência profissional pregressa
- Ingresso na SME
- Formação recebida após o concurso
- Inserção na EM
- Avaliação da EM
- Planos futuros

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM A COORDENADORA

▪ Trajetória

- Formação e atuação profissional em geral;
- Inserção na EM; sua visão do papel de coordenadora;
- Planos futuros.

▪ Formação pedagógica

- Autores.
- Ajudou na sua prática?
- Fez algum curso na área de educação depois da licenciatura? E fora da educação, fez algum?
- Costuma ou costumava freqüentar algum encontro na área de educação? Já ouviu falar do Endipe?

▪ Visão da escola

- Caracterização geral da escola;
- Principais problemas;
- Encaminhamentos para esses problemas;
- Matizar.
- Como acha que a sua presença está afetando a escola?

▪ Visão do aluno da escola

- Caracterização geral do corpo discente.
- Como supõe que os alunos costumam ocupar seu tempo livre?
- Qual o sentido da escola para esses alunos?
- Matizar.

▪ Visão da adolescência atual

- Caracterização geral da adolescência atual;

- Comparar com gerações anteriores;
- Matizar.

- **Indisciplina, violência**

- Como avalia a questão comportamental na escola?
- Percebe violência?
- Percebe *bullying*?
- Houve alguma situação que você destacaria como especialmente difícil, neste ano, com alunos e/ou professores?
- Na sua experiência, o que dificulta e o que favorece uma melhor regulação do coletivo na escola?

ROTEIRO PARA A SEGUNDA ENTREVISTA COM A DIRETORA

- Caso da professora de Matemática (faltas): o que a direção da Escola pode fazer?
- O jogo de bola não era permitido na Escola, agora é – por quê?
- Caso do roubo do mp3 na 702 – como foi desvendado, quais as providências tomadas?
- Já houve algum caso de encaminhamento de alunos e/ou suas famílias para o Conselho Tutelar, sem ser por faltas?
- Como tem sido a atuação da Ouvidoria?
- A gestão da Escola é dividida pelos dois turnos, isto é, existe uma direção para a tarde e outra para a manhã?
- Como avalia o desenvolvimento do PPP este ano?
- Em termos gerais, este foi um ano típico na Escola, ou houve diferenças significativas?
- Hoje a Escola conta com coordenação e uma agente educadora – melhorou?
- Recursos – quais, gestão, finalidade (por exemplo, quantas cópias o professor pode fazer na Escola?).

AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTAS

Senhores pais e responsáveis:

Desde fevereiro, venho desenvolvendo, na Escola dos Murais, com autorização da Secretaria Municipal de Educação e da direção da escola, uma pesquisa sobre adolescência e educação escolar. Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e é orientada pela professora Vera Maria Candau.

Estou convidando seu/sua filho/a ou dependente para participar da pesquisa, concedendo uma entrevista coletiva, em tempo vago da sua turma, juntamente com outros/as colegas, acerca dos seguintes temas: visão da escola em geral, visão da EM (participação ou não nas atividades extra-classe oferecidas pela escola, condições de estudo, funcionamento da sala de aula, indisciplina e violência), hábitos de estudo, preferências e práticas de lazer.

Sua participação é inteiramente voluntária. Se não quiser, não precisará responder todas as perguntas e também poderá desistir de continuar a entrevista em qualquer momento.

A entrevista será filmada com a finalidade de registro, para transcrição fidedigna das falas. As imagens não serão, em hipótese alguma, exibidas publicamente. Gostaria de esclarecer ainda que todas as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para fins de investigação científica. Será garantido o anonimato da escola, diretora, coordenadora, professores/as, alunos/as, entre outros. Nomes fictícios serão utilizados na divulgação dos resultados da pesquisa.

Coloco-me à disposição para quaisquer outros esclarecimentos que se façam necessários.

Agradeço desde já a compreensão e a colaboração.

Atenciosamente,

MIRIAM SOARES LEITE

Declaro estar ciente dos objetivos e condições da entrevista a ser realizada para a pesquisa desenvolvida pela professora Miriam Soares Leite e autorizo a participação do/a meu/minha filho/a ou dependente

_____.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____.

Assinatura do responsável

Telefones para contato: [celular] e 35271815 (Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Rio)

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA

Turma: _____ Data, horário: _____

Disciplina, professor/a: _____

Conteúdo: _____

HOR	NOME, LOCALIZAÇÃO	INTERVENÇÃO ALUNAS/OS	REDE PARALELA	REPR PROF	ATIVIDADE/ATITUDE PROF.
------------	--------------------------	----------------------------------	----------------------	----------------------	------------------------------------

OBSERVAÇÕES GERAIS

CATEGORIAS E SÍMBOLOS

→ LOCALIZAÇÃO DO ALUNO

F – três primeiras fileiras (dependendo do tamanho da sala)

T – três últimas fileiras (dependendo do tamanho da sala)

M – fileiras restantes

D – em movimento, qualquer tipo de deslocamento

→ REDE PRINCIPAL DE COMUNICAÇÃO

a) Natureza da intervenção

- *Intervenção provocadas simples* (atendendo a solicitação geral de professor)
 - **S**: coro/vários, dedo/braço levantado, leitura, resposta a pergunta de exercício
 - **SI**: resposta individual a solicitação geral
- *Intervenções fora do contexto*
 - **FP**: participação intensa, associação livre e expressão pública dessa associação
 - **FNC**: não compreensão
 - **FRI**: intenção de ruptura, ação individual
 - **FRG**: intenção de ruptura, ação grupal
 - **FRV**: intenção de ruptura, ação de vários
 - **FRT**: intenção de ruptura, ação da turma
- *Intervenções nominais provocadas*
 - **PS**: interpelação nominal por motivo específico ou pergunta da matéria/exercício
 - **PP**: interpelação nominal de participantes esquivos
 - **PD**: interpelação nominal de regulação

○ *Intervenções espontâneas*

- **EC**: comentário
- **EP**: pergunta ou pedido
- **EVS**: várias simultaneamente
- **EPS**: pedido de silêncio

b) Intensidade do pedido de intervenção

- **IA**: atendido na 1ª ou na 2ª vez
- **IAI**: atendida na 3ª vez ou mais
- **II**: pedido de intervenção ignorado

c) Integração da intervenção à rede principal de comunicação

- **RR**: repercussão restrita, contato professor-aluno, sem/quase sem réplica por parte do professor
- **RD**: repercussão restrita, diálogo professor-aluno
- **RA**: repercussão ampliada, retomada pública (para a turma) pelo prof. da fala do aluno

→ **REDE PARALELA DE COMUNICAÇÃO**

- **M**: deslocamento
- **C**: conversas, brincadeiras diversas
- **R**: risada geral
- **A**: agitação (inclui gritos e deslocamentos)
- **D**: desligamento
- **B**: bilhetes
- **N**: rede principal de comunicação prevalece

→ **REPREENSÃO DE PROFESSOR/A**

- **N**: nominal

- **S**: silêncio
- **P**: psiu
- **C**: “chamada”, pedido de silêncio verbal geral
- **B**: bronca/”sermão”
- **G**: grito/qq barulho forte (apagador no quadro, p. ex.)

PROFESSORES – DADOS GERAIS

Nome:

Formação (curso, local e ano de conclusão):

Outros cursos:

Início da carreira docente (ano, local e função):

Ingresso na rede municipal (ano e função):

Ingresso na EM (ano e função):

Tem computador em casa?

Acesso à internet? De que tipo?

Uso mais freqüente do computador:

Idade: Estado civil:

Local de moradia:

Apêndice 3

Entrevistas – recortes ampliados

R1

P – Já bateu o sinal e eu vou fazer uma última pergunta, tá bom? É sobre participar do NAM. Quem participa do Núcleo de Adolescentes aqui? Só você, Sabrina? Quem não participa, não participa por quê?

Didi – Eu não sabia que tinha.

Kelly – E eu entrei no meio do ano.

P – Ah, tá bom.

Ronildo – Não, por causa do horário, é por que... eu tenho fono no dia. E também é muito complicado pra vir da minha casa aqui pra escola.

Caetano – Eu não participo porque eu não achei uma coisa legal e eu não quis participar.

P – Mas você chegou há ir algum dia?

Caetano – Não.

P – E o quê que você achou... De onde você tirou a notícia que não era legal? O quê que te pareceu que não era legal?

Caetano – Assim, eles falam mais assim sobre o cotidiano de adolescente, falam um pouco sobre sexo, essas coisas, não, fa... fazem um pouco de exercício pra casa.

Sabrina – Que exercício! Você tá louco! O NAM?

Caetano – Me contaram!

Sabrina – Ah, você tá falando...

Caetano – Me contaram que passavam exercício, mas eu não posso afirmar que é verdade, porque eu nunca fui.

Sabrina – Mentira! Então, você não tire conclusões com o quê você não sabe! Ela não passa exercício! Ela tá sempre passando filme, faz brincadeiras, tá sempre ensinando tudo sobre adolescente. A gente tá na fase da adolescência, por que que ela vai ensinar outra fase? Ah, tá... tipo assim, essa... vamos dizer, essa onda de HIV, aids, ela sempre tá falando como se prevenir, da gravidez também... Ela sempre ensina tudo que o adolescente precisa saber. Porque é uma fase de muita coisa mudando, é uma fase que você tá se encontrando.

R2

P - Hum, hum... Em termos de... da adolescência atual, em geral, tem alguma coisa, alguma característica que você percebesse? Que os alunos da EM se identificassem ou não?

E - [p] Olha, eu acho que... Eles não se preocupam muito com o futuro, isso eu acho a pior característica deles. Não vejo, assim... A minoria, mas minoria mesmo, assim, elementos, que se preocupam com isso. É... Eu acho que a maioria realmente, não se preocupa com o futuro, parece que o futuro não existe. Eles vivem o aqui, o agora, o hoje. Tem muito que as coisas vão pintar: ‘ah, isso vai pintar... Ah! Emprego? Ah, isso vai pintar, professora, vai pintar’. Sabe? Eles não se preocupam muito com... Talvez por isso, não liguem tanto pra escola, pra formação, porque eles acham que eles vão dar conta no futuro. Parece que eles estão, é. Parece que eles estão esperando que o amadurecimento vai trazer pra eles a formação.

P – Você...

E – Eles não, eles não percebem que é uma construção, que não vai ser de hoje pra amanhã, eles não vão pegar o livro e vão aprender tudo de hoje pra amanhã, sabe? Eles acreditam nisso. Eles não pensam que é uma construção. É isso que a gente não... Me angustia isso. Eu tento mostrar que é uma construção, mas eles não percebem isso.

R3

P - Deixa eu te perguntar, tinha um grafite...

E - É um grafite dos alunos

P - [Fs] Os alunos tinham feito? [Fs]

E - [Fs] São, eles que fizeram. [Fs]

P - Mas era do Núcleo, não?

E - Do Núcleo, era o pessoal do Núcleo. Eu falei: ‘Vamos deixar a marca da gente, aqui desse ano’. Porque a gente fez, o primeiro projeto, foi a cápsula do tempo. É uma dinâmica que tem, que você junta tudo de quando você começou, pra daqui há dois anos a gente abrir, e essa cápsula também fazia parte o piche, né, que daqui há dois anos o piche não vai ser mais o mesmo, até o piche muda. A

gente pensou, depois pinta e... E eles são extremamente participativos. Eles querem pintar dentro da sala, é que eu já estou velhinha, [risos] não faço essas coisas. Mas eles querem pintar, eles querem arrumar, eles querem fazer tudo. Eles estão extremamente abertos a participações, eles querem participar de tudo.

P - Quando você fala 'eles', você tá se referindo aos seus alunos como um todo ou a esse grupo que participa do Núcleo?

E - Aos meus alunos como um todo, eles são muito participativos.

R4

P – Mas você acha que a escola, então, atende a uma maioria de filhos de classe média, com pais nível superior. Tô querendo localizar um pouco como você está vendo o corpo discente.

E – Hoje em dia, a classe média que frequenta aqui a escola, nem todos têm nível superior, muitos vivem de bico, porque não têm formação cultural também nenhuma, que já vem, né... é aquele pessoal que... como que eu vou te explicar isso... tá na minha cabeça a idéia, mas não... é um povo que tanto faz, como tanto fez, tem que vir pra escola. É o melhor lugar que eu tenho pra deixar meu filho, entendeu?

P – Aham.

E – Agora, veja o seguinte, tá, é... isso aqui virou um depósito. A escola virou um depósito, a escola pública. Porque pra eles é considerado barato. Só que eles não têm noção de que eles pagam caro por essa escola, né.

P – Claro.

E – Pra eles é de graça, né. Tem esse maternalismo de dar os livros, dar uniforme, dar tudo, ele não tem comprometimento com nada. É mais fácil jogar aqui. Tanto que quando não tem aula: 'pô, o que eu vou fazer com o meu filho?' Olha só essa pergunta, entendeu? Então, aqui ficou... a escola pública... Aqui, a EM, ela também entrou nessa onda. O próprio sistema também se modificou.

P – Em que aspecto?

E – No aspecto de que [g]. Como é que eu vou te explicar isso? Não há um, um [g] limite. O sistema não dá limites ao aluno e, conseqüentemente, ao pai do aluno. Então, o que acontece? Perdemos totalmente o respeito pela instituição escola, pelo professor em si, tá, pela cultura. Não há mais essa importância.

P – Aham, aham.

E – Não existe mais isso. O próprio sistema... Não se entra mais na escola, porque eu vou progredir, porque eu vou estudar, porque eu vou ser alguém na vida, eu vou melhorar o nível de vida da minha família. Minha família era pobre e agora eu vou estudar pra ser alguém. Não tem mais essa idéia, entendeu? Ele vai pra escola e ponto.

P – Isso aí é uma postura da família e dos alunos, você acha?

E – E dos alunos, e dos alunos.

R5

P – Agora eu queria que vocês me dissessem um pouco o que a escola é na vida de vocês, pra que que serve, pra que vocês vêm aqui... Tá bom? Então, vamos lá. Começa, Sarah.

Sarah – A escola é o essencial de tudo na vida, né, pra arranjar emprego, pra ter... Todo sonho tem dinheiro, né?

P – É isso?

Sarah – Hum, hum.

P – Tá bom. E você?

R6

P – Pensando no que você falou antes, você atribuiria essa alienação como uma característica dessas novas gerações?

E – Sim, com certeza, com certeza. Eles não... Parece que não querem se apegar a nada do que seja ruim pra eles, eles só querem curtir, curtirão. Coisa que você vê, outras gerações não eram... Eram mais engajadas, mais participativas na sociedade... Você vê todo aquele pessoal da cara pintada, né. Quer dizer... Eu até me lembro e uma vez... eu até falei pra eles: ‘poxa, vocês têm que atuar aqui na escola, por exemplo, fazer o barulho de vocês, mas uma coisa produtiva. Por que vocês não montam uma rádio, não montam um jornal, não montam alguma coisa...’. Eles não se interessam, eles não querem saber, não querem nada que seja dever, que tenha horário pra cumprir... Eles já acham um saco ir pra escola, acordar cedo. Eu ouvi até certa vez no recreio, de uma aluna que não era minha, que era aluna de oitava, que só vinha à aula porque era obrigada e, se não

precisasse, ela não vinha, e uma outra dizendo que falou pra mãe se até a quinta série não tava bom, se tinha que fazer mais... Quer dizer, eles não... Parece que a escola, parece que a formação não é importante, não sei, eles não têm noção de futuro.

R7

P – Hum, hum... Mas teria alguma coisa que você, em termos de condição da escola, na condução da aula, que você acredite que favoreça uma melhor disciplina, no sentido de concentração? Porque eu acho que foi isso que eu entendi da tua fala, né, essa falta de educação acabaria se expressando também como uma falta de concentração também, não é?

E – Sim, também, porque aí ele se distrai e não presta atenção na aula. É... Eu acho que quando a atividade é alguma coisa que interessa...

P – Espera um instantinho... Pode continuar, desculpa.

E – Quando a atividade é alguma coisa interessante, o assunto interessa a eles, ou então, quando a própria atividade interessa, por exemplo, eles gostam de fazer coisas manuais...

P – Você faz esse tipo de atividade na sua aula?

E – Não, não faço, dificilmente... eu pinto alguma coisa, faço alguma coisa que extrapole a escrita, mas eu já reparei que eles gostam. De pintar mapa, por exemplo, a Violeta faz trabalho, assim com pintura, e eles gostam. Agora, estranhamente a aula de música, eles têm problema, né, você vê, gostam tanto de ouvir o *discman*... Eu não consigo entender. É... Então, eu acho que quando o assunto interessa... Por exemplo, um texto... Aquele texto sobre o *piercing*, eles gostaram de trabalhar, porque era uma coisa ligada à idade deles, deles, entendeu, é... Eu acho que...

P – Então, quando você trabalha texto com conteúdo que você acha que tenha a ver...

E – Que tenha a ver com eles, eles se interessam mais em saber, participam mais da aula, porque aí eles têm o que dizer, que é a experiência deles e aí qualquer um. Se é uma coisa que você goste de fazer...

P – Tá... Tem algum outro assunto que você lembre, que mobilizou a turma, além dessa discussão de *piercing*, sobre *piercing*, que você levou?

E – Acho que as crônicas, eles gostaram, do Rubem Fonseca, Rubem Braga...

P – Rubem Fonseca, Rubem Braga, esses autores que você trabalhou?

E – Foi...

P – Você lembra dos temas das crônicas que você trabalhou?

E – Com Millôr Fernandes, nós trabalhamos... Já a poesia, acho que eles não curtiram muito. Um ou outro lá, acho que eles curtiram. Eles gostaram mais das crônicas.

P – Você lembra de algum tema de crônica [fs] que eles gostaram mais? [fs]

E – [fs] Tinha tema social. [fs] Eu me lembro de um que foi sobre um mendigo, que tava passando mal diante de uma loja e ele acabou morrendo e... As pessoas, quando passavam por ele, sentiam várias coisas, inclusive os comerciantes do local não sabiam se sentiam pena ou se achavam que ele tava incomodando ali, e aí eles se posicionaram, né? Eu achei que foi uma aula legal, porque eles, é... se interessaram pelo assunto e se posicionaram. Quer dizer, todo mundo deu sua opinião, foi uma coisa legal. Quer dizer, quando o assunto chama a atenção, aí... É como se eles não tivessem noção, de que... Existe muita coisa que é chata, digamos assim, obrigação, mas tem que passar por aquilo. Eles não querem isso, eles só querem o lado bom, a coisa boa. Essa noção de que, da obrigação, do dever, do dever, é isso que eles não têm muito.

R7A

P – Uma vez você me falou alguma coisa de uma escola particular. Você também dá aula no particular?

E – Trabalho numa escola particular. Atualmente estou na escola... no Colégio [...], mas já trabalhei em outras escolas, como Isa Prates, que foi o meu início de escola particular. Lá eu tive uma oportunidade ímpar, né, eles davam oportunidade pra professores que estavam saindo da universidade. Eles não gostavam de professores experientes.

P – Aham. Mas eles faziam alguma formação? Algum tipo de formação?

E – Não, eles simplesmente aproveitavam... porque eles diziam que o professor que saía da universidade, ele sai sem vícios. E a clientela lá era uma clientela muito especial, em todos os sentidos, financeiros, às vezes, psicológicos, e eu tive um aprendizado muito grande lá nessa escola. Foram treze anos, até que eles fecharam.

P – Aprendizado em que sentido?

E – Sentido de domínio de turma, de material didático, material paralelo.

P – Produção de material, você quer dizer.

E – Produção, inclusive dos próprios alunos. Um contato... as turmas eram pequenas. Então, eu... Na verdade, nós conhecíamos todos os alunos, tínhamos uma relação pessoal muito boa.

P – E você acha que o quê você... Esse aprendizado que você teve nessa escola você aplica aqui?

E – Aplico.

P – E na [...] também?

E – Aplico, aplico, porque eu aprendi, por exemplo, com eles, a ver que eu não sou o poder, como eu brinco com eles: eu sou o poder. Então, eu aprendi a respeitar um pouco mais, porque, às vezes, a gente não respeita o aluno. Aprendi a ouvir e isso foi uma conquista que eles fizeram comigo.

P – E que você acha que traz ganhos na tua atuação aqui.

E – Com certeza.

R8

P – Pensando agora nos adolescentes, mais na sétima e na oitava, porque a minha pesquisa tem esse recorte, lembra? Você acha que os adolescentes daqui se encaixam nessa descrição que você fez?

E – Acho que sim. Eu vejo isso, eu vejo um pessoal às vezes muito desorientado, não vendo muito sentido no que a escola pode fazer por ele, sei lá.

P – E você acha que isso não é só um problema dos meninos e meninas daqui, é geral?

E – Eu vejo em geral. [Interrupção]

E – Eu vejo muito isso assim, a palavra que eu encontro é desconexão. Não está oferecendo aos alunos o que eles precisam, o que eles desejam, o mundo deles é outro, é o da internet, isso aqui não interessa. Ou então eu não vejo interesse deles, interesse deles mesmo, não interesse para um mercado de trabalho ou para um futuro, ou para um bom segundo grau, interesse deles, o que eles gostariam, eu não vejo, posso estar enganada, mas não vejo.

R9

P – E... você pode contar agora um pouco da história da escola e das mudanças que você presenciou ao longo desses anos que você vem trabalhando?

E – Posso, eu quando cheguei aqui em 79, [...] Em 79, quando eu cheguei aqui, nós tínhamos aproximadamente uns 500 alunos, se tivesse 500 alunos. Realmente a escola... Ela passava por um período muito difícil. A clientela era... é... de baixa renda... Bem, bem baixa renda mesmo. [...] A clientela era dali... Os filhos de... Pessoal que trabalhava aqui [...], eram os porteiros, as empregadas domésticas, então a... O poder socioeconômico, ele era muito pequeno. Em contrapartida, a [outra escola do bairro] recebia a clientela, vamos dizer, de um padrão socioeconômico melhor. E ela ficava com o maior número de alunos. Como eram duas escolas de 1ª a 8ª próximas, aqui tinha sempre uma evasão muito grande de alunos. Era uma pena, porque era uma escola... eu acho a escola muito – apesar de estar totalmente sofrida, né? A gente faz o que pode pra manter, mas um prédio [...] é muito difícil de conservar... E aí, essa escola vinha padecendo tanto na parte pedagógica, como na parte socioeconômica, como na infra-estrutura. Em 88, quando nós assumimos, eu e a Luana, nós tínhamos uma meta, nós já éramos então apaixonadas pela escola e principalmente pela educação, sempre fomos. Nós fizemos uma promessa de erguer a escola. Nós passamos a procurar a princípio parcerias. É uma... é uma área difícil de você conseguir parceiros, financeiramente, porque tem pouco, quase nada, mercado, indústria, aqui não tem nada, né? Nós pensamos em uma parceria pedagógica. Procuramos [...] e conseguimos então abrir um leque de parcerias e com isso a escola veio melhorando, melhorando na parte pedagógica, melhorou na infra-estrutura... É, houve uma melhora considerável. Passamos então a participar de todos os projetos da Secretaria, passamos a procurar... a criar projetos internos - eu gosto muito de trabalhar com projetos -, fechamos uma equipe... Nós passamos a fazer com que a equipe vestisse a camisa da escola, fazendo-os ver que se não vestissem, que a gente não iria melhorar. Eles passaram a abraçar... e... alguns colegas trouxeram os filhos para estudar na escola, e isso pesa muito, porque o responsável sempre pensa assim: ‘Se a escola é boa, por que que o filho da professora não está estudando lá?’ E foi assim, uma junção de fatores. Fomos juntando, depois meu filho também, eu o trouxe pra cá, e nós conseguimos assim... Melhorar um pouco a escola. Melhoramos na parte pedagógica... Em 95 houve uma reforma. Foi a

última reforma que essa escola já viu, né... A escola cresceu, começamos a participar de... Extrapolamos os muros da escola, participar de olimpíadas externas, de concursos externos, começamos a ganhar concursos e os pais de... é... de outros alunos, de colegas de nossos alunos começaram a perceber que a escola havia dado um salto muito grande e a escola passou a despontar como uma escola de nível.

R10

E – Entendeu? É o que mais a gente acha que o aluno não quer, eles fazem bagunça o ano inteirinho, mas eles têm aqueles momentos que eles gostam de participar.

P – Não, ontem o Saulo [fs] e o Lourenço estavam muito... não, o Saulo Xavier... [fs].

E – [fs] Saulo Moreira?[fs]

E – Ah, tá.

P – [fs] Estavam muito orgulhosos [fs].

E – [fs] Que foi um caso de recuperação incrível, o Saulo, né? [fs]

P – Isso, isso, isso. Ele vai mesmo pra Campinas?

E – Acho que vai, acho que vai. O Saulo é meu filho, meu filho, como é que fala? Meu filho pródigo. Porque o Saulo deu trabalho. Foi um dos alunos, um dos alunos que a gente teve problema assim na Escola, eu particularmente, de enfrentar, foi o Saulo. Hoje você vê, ele passa, me beija e quer falar comigo de lá pra cá. Mas foi um aluno que me enfrentou na Escola. Daquele tamanho, eu olhei pra cima e rezei e pedi a Deus que me segurasse. E hoje está aí. Vai concluir a oitava série. Esteve no Projeto Rio Cidadão, entendeu? Agora parece que está trabalhando com a madrasta dele, né? E um menino que teve um problema sério familiar, você soube da história dele?

P – Não, não sei.

R11

P – Mas é verdade que houve um caso de uma, de um passeio aqui a Paquetá, e que a mãe de um aluno teria se queixado à ouvidoria de os professores ficarem bebendo, e depois foi descoberto que o aluno sequer foi pro passeio?

E – Foi. É verdade.

P – Teve isso, isso aconteceu?

E – Isso não só aconteceu, como acontece às vezes. É uma família que ela tem [g], os dois filhos, a gente tem problema com os dois filhos, tá? Eles vieram pra cá na 5ª série, quer dizer, não são o que a gente chama de cria da casa. Esses dois alunos saíram da rede particular e vieram pra gente muito a contragosto, e desde que eles chegaram aqui e até hoje, eles não têm o menor amor pela escola. A menina é um pouco mais suscetível, o menino, ele é um problema, é um problema que eu tenho inclusive hoje de droga na escola, né? Eles são muito agressivos. A família passa a mão em tudo que eles fazem, em tudo! E o que eles chegam falando em casa, eles não querem saber se a escola fez ou não fez, eles estão certos. Agora, se você me falar assim, por que então chegou a esse ponto? Também houve erro por parte dos professores que lidaram com esses alunos, tá? Talvez nosso, porque esse ano especialmente, até eu perdi o vínculo que eu tinha com o menino. Com a menina, eu continuo até numa boa, mas o menino, ele já me tirou do sério esse ano, tá? Porque eles são difíceis. E você, em uma turma de 35, 36 e às vezes como tem aqui, com 40 alunos, um problema desse surge assim, você perde o controle. Então, houve também isso, a coisa degradingolou, porque alunos difíceis, tiveram momentos difíceis, e às vezes o professor que eles toparam, difícil também e gerenciou, gerou, aliás, desculpa, essa confusão toda. Mas quando ela ligou pra mim e falou eu disse [g], foi muito engraçado, eu falei na mesma hora, fulano, fulano, fulano, ela não se identificou. Ela fez a denúncia anônima, tá?

P – Aham.

R12

P – Esses problemas de comportamento são excepcionais?

E – Esses mais graves são excepcionais, mas eu vejo muito por aí, eu acho que a indisciplina vem muito por uma questão de uma coisa meio solta que está no geral, mas de um desinteresse mesmo, de não ver o que pode resultar de bom daqui, acho que vem daí.

P – E essa coisa meio solta, o que seria?

E – Eu acho que isso está muito geral. Acho que os limites morais estão muito frouxos, acho que eles não estão vendo que valha a pena fazer muito esforço para nada. É uma produção de desejos incessantes, de que tem que ter, ter, ter. Ao

mesmo tempo, é uma banalização da vida, é uma banalização da morte. Hoje de manhã, soubemos do caso da nossa aluna que morreu esfaqueada pelo marido.

P – Uma ex-aluna daqui?

E – É, e era uma menina que conversava aqui. Outra, não levantava a voz para ninguém, mas não parava em sala de aula, vagabunda, vagabunda, de não querer nada, aqui não dizia nada para ela. Ela fez não sei quantos anos a sexta série, não sei quantos anos a quinta; não dava problema nenhum de comportamento, mas era... Porque é o que eu acho, aqui não tinha interesse nenhum para ela, nada acrescentava para ela. E eu conversava muito: ‘Minha filha, o que você quer para sua vida, não é só na escola não, o que você quer para você?’. Morreu esfaqueada ontem, pelo marido, deixou uma filha de dois meses, quer dizer, é uma coisa muito banal, quando me falaram eu falei: ‘O quê?!’. Ela me chamava de mãe, para você ter uma idéia. E não como um estorvo para mim, eu conversava, porque acho que é isso que vale a pena. Eu acho que se posso pegar esses caras por algum jeito não vai ser batendo de frente, não vou pegar dando uma advertência, eu vou pegar pela conversa, mostrando, olha: eu me importo com você, acho que é isso que eu quero mostrar, ‘eu me importo com você’. Eu sei o quanto é complicado, eu sei o quanto é difícil, mas eu acho que vale a pena, eu espero que você ache também, por isso que é raro eu dar uma advertência, ou chamar pai ou chamar mãe, eu aposto muito mais neles e eu, assim, num diálogo, às vezes eu quebro a cara, quase sempre, mas...

P – Teve alguma situação, até nisso de quebrar a cara, que você pudesse me contar, que foi especialmente difícil?

E – Essa.

R13

P – Deixa eu perguntar, teve um, aquele caso do roubo do mp3 na 702, ele me interessa. E eu ouvi algumas versões assim, espaçadas e às vezes até meio contraditórias. Você podia me contar o caso? O que aconteceu? Como você desvendou? E como você encaminhou? Porque você esteve à frente, não esteve?

E – Estive.

P – Então...

E – É... basicamente a gente tem, como em toda escola, você tem problemas com alunos carentes e alunos que tem o mau hábito de pegar do outro.

P – Mas você acha que essas duas coisas andam juntas na tua experiência aqui na EM?

E – Carente?

P – Isso.

E - Não, porque exatamente quem tirou, não tem carência nenhuma, tá? Não necessariamente. Mas você tem todo tipo de aluno dentro da escola, né? E em cada sala, você tem sempre um grupo que tem algum problema. Ou é um de disciplina, ou porque tem um hábito de tirar alguma coisa, ou até mesmo droga. Eu enfrentei esse ano pela primeira vez, acintosamente na oitava série, né? E, é um grupo que eu conheço bem, porque a maioria deles é aluno nosso desde pequeno. E quando falaram pra mim, [g] o dia que houve realmente o furto eu não estava, eu tinha ido numa reunião. Quando eu voltei, que a Marília falou pra mim que tinha sumido um celular, depois sumiu um *iPod*¹, e tal, eu fui na sala de aula. E conversei com eles, que aquilo não podia acontecer... Não, não, parece que o *iPod*, eu estava aqui sim. Bom, não estou certa. Eu fui na sala de aula, e conversei com eles, ‘Isso não podia acontecer’. Primeiro, você tenta falar a linguagem deles, dá uma lição, blábláblá. Aí você ouve as sugestões, ‘Coloca cadeado na porta’. Eu digo, ‘Não vou colocar, porque isso não é reformatório. Tem que aprender a ver que o outro tem, não tem é que mexer, se não a gente não tá formando cidadão nenhum’. E aí você vai pro sentimentalismo, porque no fundo, no fundo, há um vínculo de amizade e carinho entre eles e a gente, tá? Aí você apela, no finalzinho, quando você já vê que está tudo perdido, você apela para aquele vínculo de amizade e de amor. Eu já desconfiava de uns alunos. Ao mesmo tempo que eu já desconfiava desses alunos, já tinham passado por trás, outros alunos, é, como a gente fala? Não chama de X9 não, mas dando assim umas pinceladas, ‘que o fulano ultimamente está fazendo isso’, ‘Olha, o outro está fazendo isso’. Então, você começa a formar a cortina de retalhos. Daí, eu tinha mais ou menos quatro alunos com nome, pra mim, que deveriam ter exatamente tirado o *iPod* [g] da pessoa. Mas eu não posso acusar ninguém.

P – Mas esses quatro nomes você chegou como, então? Com essas informações?

¹ Na verdade, tratava-se de um *mp3 player*.

E – Informações. Dois por desconfiança minha, né? De [g] outros tempos. E dois, e dois que foram me passando, somando tudo e conversando aqui e ali, veio a situação. Então, o que que eu fiz? Eu não posso pegar quatro alunos e falar, ‘Olha, vocês foram acusados disso, daquilo, daquilo outro, blábláblá’. Eu fui na sala de aula, reuni daquela sala de aula seis alunos, dois que não tinham nada a ver com a história, mas tinham que entrar. Fui na outra sala, peguei mais um daqui, mais um de lá e coloquei lá na sala dos professores, e aí vem a minha parte teatral. O que que eu tenho? Eu não tenho base nenhuma, eu não posso acusar colega nenhum, eu não posso falar nada. Aí o que que eu digo? ‘Recebi um telefonema anônimo, uma denúncia anônima, e disseram que tem alguém aqui desse grupo que realmente foi quem pegou o *iPod*, e foi um absurdo, onde vocês estão?’ Confiança que eu tenho neles, que eu não acredito que ninguém tenha feito aquilo com maldade com o colega, sempre assim, sabe? Eu não acredito, não acredito, quem fez? Aquele foi um momento infeliz, mas que tudo tinha que dar jeito, dava pra continuar e eles continuam calados. Aí você continua apelando, continua apelando. Aí, em um dado momento, toca o coração de alguém, ‘Aí cara, você não vai falar não? Fala você, se não eu vou falar’...

P – Ali, naquele dia?

E – Naquele exato momento, que eu tinha mais ou menos uns oito alunos ali dentro, exatamente. Uns que eu sabia e outros que estavam ali só pra não parecer que eu tava acusando alguém realmente, né? ‘Você não vai falar não? Eu vou falar’. Aí começa um olhar pro outro, a jogar pra lá. ‘Vocês vão pra sala de aula agora, que eu não posso fazer nada, mas eu tenho certeza que o sentimento de vocês, a consciência de vocês vai pesar e vocês vão me contar o que realmente aconteceu. Aí saíram os oito, daqui a pouco voltaram três e pediram pra falar comigo em particular. Daí é que veio assim: ‘Olha professora, fui eu que peguei’. Quem realmente dos que eu coloquei ali eu não desconfiava, entendeu? Mas os outros sabiam, quem eu desconfiava sabia. Mas quem pegou, eu não desconfiava. Ele falou: ‘Eu peguei, mas eu peguei só pra ouvir a música, eu ia devolver no dia seguinte’. Eu digo: ‘Ah, eu acredito em você, acredito, eu sei que você não ia fazer isso e tal, mas eu quero esse *iPod* na minha mão amanhã. Se não, nós vamos ter que fazer um boletim de ocorrência, nós vamos ter que fazer isso, blábláblá’. ‘Não, amanhã ele vai estar na sua mão’. No dia seguinte, realmente o *iPod* trouxe

na minha mão. O quê que eu, enquanto diretora, posso fazer? Chamar o responsável desse aluno. Ou então...

R14

P – Tá bom. É... agora falando mais... tinha uma coisa que o... Na verdade, o Caetano foi o único que me respondeu aquela primeira pergunta sobre o que mudaria, o quê que não mudaria... porque todo mundo começou a conversar a partir da resposta dele. Mas aí você falou que gostaria de mudar a coordenação e a direção – por que, Caetano?

Caetano – Não, eu acho que eles não são rígidos com os alunos. É... se acontece alguma coisa grave, eles... ela não faz... ela não faz... ela não tem uma ação drástica contra eles. Por exemplo, aconteceu casos de furtos aqui no colégio, os alunos se revelaram pra direção e não aconteceu nada! Isso não é uma coisa que deve acontecer. Mas... apesar dela tá... ela também gosta mais de um grupo... das pessoas mais antigas, as mais quietas também, que não vão lá pra diretoria, ela trata de uma maneira diferente, ela... Quando você vai pedir alguma coisa na diretoria ela te trata melhor, entendeu? Se você é um pouco bagunceiro e vai lá, na diretoria, ela te trata meio: ‘Espera agora que tô falando aqui!’ Entendeu? Ela vai te tratar de uma maneira diferente, que eu também não acho legal.

Sabrina – Eu discordo tudo de você. Porque, primeiro, ele entrou nesse ano, não conhece a diretora, ela mal fala com ele, e ele não gosta da Escola. Mas também... tem uma coisa que eu concordo com ele. Houve esse furto e ela não fez nada, realmente se entregaram, é... Eu achei um absurdo dela não ter feito nada, não ter telefonado pros pais, ela fez uma reunião, eu não estava lá, lógico, só que eu acho que ela... Esse pessoal que se entregou, ela não falou com os pais, então, assim, não deu... Deixou meio aberto que se fizesse de novo ia acontecer a mesma coisa. Mas também eu acho que ela não é PM, não é polícia pra ela investigar, fazer esse drama todo também. Agora, na parte de chegar e pedir alguma coisa, você chegar lá e pedir: ‘Ah, eu quero isso!’, não acontece um boa tarde, um com licença, por favor, entendeu? Então, eu acho que ela vai tratar os melhores, quem chegar lá ‘boa tarde’, tá, com educação. Mas aqueles que chegarem: ‘Ah, eu quero não sei o quê, não sei o que lá!’ Acho que não, se você chegar com educação lá, ela vai tratar bem, não importa se é bagunceiro ou é... ou é... não é bagunceiro.

Caetano – Eu discordo. Teve casos em que pessoas que não são bagunceiros chegaram lá... não tiveram a educação de falar boa tarde, bom dia e tal. Não, pediram e ela falou: ‘Tá bom, já vou pegar pra você’. Chegou o outro, que é mais bagunceiro, é... ‘Por favor, me dá aquilo ali’, aí ela falou: ‘Ah, espera um pouco!’

R15

P – Ah, tá bom... Agora, vindo pra [g] Escola, em geral, é... [g] daqui, a nossa, a Escola dos Murais, né? Como é que você caracterizaria essa escola, em termos gerais.

E – Então, é... Pelo que eu, é... as outras experiências que eu já tive, de outras escolas municipais, isso aqui não se enquadra nas escolas do município. Se você fala as escolas do município do Rio de Janeiro, a Escola dos Murais, pra mim, é uma coisa à parte. Parece uma coisa de outro mundo, não se enquadra mesmo. O que você encontra por aí é uma realidade totalmente diferente dessa daqui. A realidade aí fora é de alunos extremamente mal educados, bagunceiros, agressivos, violentos. Soube que em outra escola, na semana retrasada, um professor foi agredido pelos alunos. Derrubaram o professor e voaram em cima dele, agredindo. A gente não encontra isso aqui, o padrão de aluno aqui é totalmente diferente. São alunos... Por mais que a gente ache que eles não são educados, eles são muito mais educados que os que existem por aí fora, tá? A própria direção aqui é diferente. Não sei se é por causa da clientela, né, dessa clientela ser um pouco mais... Como é que eu vou dizer? São... São alunos de um nível diferente, não dá pra dizer que não são, são alunos de um nível diferente. Eles têm um nível um pouco melhor que os que estão aí fora.

R16

P – Você está me falando daqui dessa escola, como uma escola diferente, você pode falar um pouco dessa diferença pra mim?

E – Eu acho que..., eu já trabalhei em escola municipal fazendo dupla e aqui é uma

escola, eu considero uma escola bastante diferente. Primeiro, o conteúdo, ele é muito mais é... muito mais exigido, tá, aqui a presença é exigida, o aluno aqui não é fantasma. Porque eu já trabalhei em escola que é assim, o aluno tem presença, então, ele não pode ser um I, só porque ele é presente na escola, então, aí ele tem

que ser necessariamente um R, não existe isso aqui, tá? Aqui o aluno é avaliado como um todo, não é porque ele tem, tá na escola, ele não vai ter uma nota ruim. E ele é... a gente usa o projeto político-pedagógico como um meio de fazer a escola funcionar, né? Então, tá tudo ali, métodos de avaliação e a escola funciona. A escola funciona com projetos e a gente tenta fazer disso uma escola diferente, eu acho que a gente consegue. O aluno não tem aula, ele não vai embora, ele fica na escola, sabe?

R17

P - Em termos de relação interpessoal, como que você vê as relações na escola, digo, professor-aluno e aluno-aluno, mas tô pensando mais em termos de sétima e oitava séries?

E – Professor-aluno?

P - Relações interpessoais na escola. Professor-aluno, aluno-aluno, como é que são as relações?

E - Aqui o grande problema de relação, são os alunos novos que entram na escola. Porque a gente não pode ter um CA a oitava série sem aluno novo, que seria maravilhoso. Porque nosso aluno de CA, se ele está na sétima, oitava série, se ele é nosso sempre, não dá trabalho nenhum, ele já conhece como a escola funciona e ele funciona de acordo com a escola, é... tem duas vias, né, tem duas mãos. Mas o aluno novo, às vezes, ele não consegue entrar no ritmo da escola, porque pode entrar em qualquer série, né? Aí dificulta muito o... a.... a igual... não é bem uma igualdade, é uma uniformidade de... até de pensamento. Porque, você vê, eu dou aula na oitava e na sétima aqui à tarde, eles são meus alunos desde a quinta. Então, todo mundo já sabe como eu trabalho, ninguém pergunta, todo mundo sabe, a prova é difícil, o teste é difícil. Tem como passar? Tem, se você trabalhar muito, você vai passar, sabe? E é interessante, porque tem a... tem alunos que eu reprovei e que não deixaram de gostar de mim, sabe? ‘Eu sei, eu me dei mal, porque eu fui mal, a culpa não foi sua’, sabe, eles falam isso, e eu sempre tenho amizade por eles, eles são todos meus alunos. Então, o aluno que já está na sétima e oitava, ele já sabe como é que funciona, a maioria dos professores da tarde, que trabalham sétima e oitava, são deles desde a quinta, porque a gente tem seis turmas na escola, que mais ou menos a gente pega todos eles.

R18

P - Na, nas suas turmas de 7^a e de, e de 8^a, como é que você avalia, na, avalia a questão da disciplina?

E - A 8^a série, realmente, se eu pudesse sair correndo, eu sairia.

P - E isso se repete todo ano, não é um problema [fs] dessa turma? [fs]

E - [fs] Todo, [fs] todo ano é isso. Eu não sei se eles... passa na cabeça que... 'Lógico que não vão nos reter aqui na escola, vamos passar, tanto faz estudar, vir à escola, a gente já tá passado mesmo.'

P - Tá. É...

E - Essa é uma característica da 8^a série.

R19

Caetano – Eu acho... como eu já disse, ela exclui a sala. Quem é do grupinho que puxa o saco dela tem todas as atividades que... que... que ela propõe. Ela só chama pra feira de ciências, essas coisas, só quem é do grupinho dela. E assim, voltando à questão do Núcleo de Adolescentes, eu não tenho... eu não posso afirmar, como ela disse, porque eu não participo. Só que eu soube pelo que me contaram, eu afirmei pelo que me contaram, não sei se é verdade, não sei se é mentira. Me contaram que... que isso acontecia².

Sabrina – Quem te contou?

Caetano – Ah, não vou ficar revelando nomes aqui!

P – Ronildo, o quê que você acha dessa situação de... dos participantes do NAM terem... acabarem sendo convidados para outras atividades, essa separação que eles estão colocando. Você acha que isso acontece?

Ronildo – Acontece.

R20

Laís – Não, a Lis, mas é... a Lis cobre a gente por muita coisa, tipo a gente pode fazer besteira para caramba, mas a Lis sempre apóia a gente... Ela é legal. Tipo,

² O aluno se refere aqui a uma declaração anterior, em que afirmara que uma das razões que o levaram a não participar do NAM foi a informação de que haveria dever de casa entre as atividades desenvolvidas; não se referia, portanto, à discussão sobre tratamento diferenciado na turma.

se você tá com problema, tipo, você chega para Lis e conversa com ela, como se ela fosse uma psicóloga. Mas ela é muito legal.

Talita – Tipo, na Escola a gente acaba respeitando mais ela do que os outros que tratam a gente rigidamente e ela não. Por ela conversar.

Soraia – Porque assim, ela é uma boa pessoa, mas eu não acho que ela dirige a escola tão bem assim... Não, eu acho que, assim... Já aconteceu várias coisas assim, tipo... Esse ano mesmo, meu celular foi roubado, e ela não fez nada. Eu falei com ela... e ela falou assim... Mas, assim, eu só fui dar conta depois que todo mundo tinha ido embora. Eu fui falar com ela e ela falou: ‘Ah, agora não adianta. Amanhã a gente vai lá na sala...’ e ela não foi! Falei com a minha mãe, minha mãe ligou pra ela, veio aqui na escola, e ela não foi! Ela esqueceu o assunto. A minha mãe falou: ‘Tá bom, já que você esqueceu o assunto, da próxima coisa que sumir, eu vou chamar a polícia e vai ficar pior para escola.’, que a escola vai ficar com a polícia aqui e tal. Já sumiu várias coisas aí e assim, ela não deu jeito, sabe? Não fez nada para... [p]

Rodolfo – É... porque a Lis sabe lidar com os adolescentes... ela sabe conversar, sabe a hora de punir.

P – Fala um pouco mais disso: de saber conversar e hora de punir. Você pode pensar um exemplo?

Rodolfo – Punir, ela nunca pune, pra falar a verdade, ela só conversa. Fala com todo mundo assim, como se fosse... Fez merda, ela vai conversar com você, saber o quê que você fez, por que, qual foi o motivo... várias coisas.

Talita – Eu acho que assim a gente tem mais chance de mudar do que só punindo, punindo, punindo.

Laís – Mas foi o que a Soraia falou: ela é uma ótima pessoa... Como diretora, assim... pros alunos ela é muito boa, tipo, tá com problema, você conversa com ela, você fez alguma coisa errada, você conversa com ela... Mas se eu chegar para ela, tipo assim, discuti com o professor, tipo, você foi expulsa de sala, ela vai lá, vira pra você e fala assim: ‘Da próxima vez você vem falar comigo. Mas quando essa próxima vez acontece, você chega e fala com ela, e ela fala ‘Eu vou lá conversar com ele’. Passa duas semanas e ela nem abriu a boca para ele e se ele abriu, ele ignora o fato dela ter... de acontecer alguma coisa... [p].

Soraia – Ela é uma fofa, assim, com a gente, sabe, ela tipo, dirige os alunos muito bem, ela conversa, mas assim, tem coisas que acontecem na escola que ela esquece ela... ela deixa parado.

R21

E – Chamei a mãe dos três, né? Sendo que cada um de uma forma, porque esse foi o que mais me chocou. E os outros têm um perfil realmente familiar que é meio complicado, sabe, Miriam? Já têm históricos na família, e é muito difícil você recuperar um aluno quando uma família já está desestruturada basicamente por esse motivo, entendeu? De furto... outros familiares já envolvidos com uma coisa dessa, né? Aí aconteceu uma coisa muito interessante, depois que se passou mais ou menos uns 15 dias, 20 dias, eu estava na porta, uma professora me alertou que tinha um bêbado na porta, que tava mexendo com os alunos. Eu fui pra porta, porque o bêbado estava realmente mexendo com os alunos, e eu fui, aluno pra cá, aluno pra lá, ninguém fica aqui. E o bêbado, um homem quase... nu, fazendo gracinha e dançando. Nesse momento não chega um pai, não chega uma polícia, não chega nada pra ajudar a gente. E aí ele se dirigiu, ele [g] ia em direção a dois alunos pequenos, e aí eu entrei na frente dele. Quando eu entrei na frente dele e ele segurou meu braço. Esses três alunos voaram de onde eles estavam e seguraram esse bêbado. ‘Se tocar nela vai ver com a gente!’ Entendeu? E eu é que acalmei esses meninos. Eu digo ‘Não, deixa o moço, deixa o moço. Não, vamos levar ele pro outro lado da rua’. Levantaram o homem e colocaram o homem pro outro lado da rua. Então, são coisas que eu, sinceramente, eu fico tentando entender essas crianças. Eles têm um amor a você, eles têm um amor à escola, mas eles têm uma família do outro lado desestruturada, eles têm um local onde eles moram completamente, é [g] desestruturado também. Eles vivem num dilema, o quê que é certo e o quê que é errado, mas eu afirmo pra você, não são maus. Aqui não tem ninguém perdido, cada um tá enfrentando o seu momento de dificuldade, entendeu? Então, pra mim, encaminhar ao Conselho Tutelar é a última coisa que eu vou fazer, eu não sujar mais a vida, mais a vida de um aluno desse.

P – Você já encaminhou [fs] algum aluno em outra ocasião? [fs]

E – Já, já.

P – O quê que tinha acontecido, você pode contar, você acha?

E – Olha, basicamente, é, aluno agressivo, furto também, tá? Mas aí chega um ponto que você não segura.

P – E você achou que esse encaminhamento surtiu...?

E – Não, foi pior.

P – Foi pior? Por quê?

E – Porque a aluna ficou detida na DPCA. Porque ela foi, é, ela foi flagrada puxando a carteira da professora. E a professora quis abrir um boletim de ocorrência, e nós fomos até a delegacia. A menina ainda foi ao meu lado, abraçada comigo...

P – Você seria contrária a chegar a esse ponto?

E – Seria, eu seria. Mas eu perguntei à professora e a professora disse que não. E eu acompanhei a professora, né. E isso teve uma repercussão tão grande... Porque quando chegou na delegacia, os pais se desentenderam na frente do delegado, lá na DPCA, e o delegado deteve a menina, porque os pais se desentenderam, porque a menina dizia que o pai mandava ela furtar pra comprar droga, entendeu? E a mãe acusava o pai, o pai acusava a mãe. Aí o delegado falou, ‘Ela vai ficar aqui, até esses dois entrarem num acordo. Eu não tenho como mandar essa menina pra casa’. E a menina tinha placas de correadas e queimaduras no corpo. Só que no dia seguinte, apareceu [g] um benfeitor da família, um procurador, que tomou as dores, porque a menina ficou presa, que a escola não foi benevolente, que a escola não fez, que a escola não aconteceu... E isso rolou de uma tal maneira que, na época, a nossa coordenadora é... nos chamou lá e disse que nós seríamos exoneradas do cargo, porque aquilo tinha acontecido daquela maneira. Só que nós fizemos tudo sob orientação da nossa coordenadoria. Nós seguimos todos os trâmites legais, todos, todos. Ainda mais eu, que entendo um pouco de lei, eu jamais deixaria. Só lá que o delegado, quando viu aquela desarmonia toda, ele resolveu segurar. Aí nós ficamos à mercê de uma pessoa que se intitulava procurador e que exigia a nossa cabeça. Então, a gente que teve [g], nós ficamos abandonadas, abandonadas. Não veio ninguém da Prefeitura nos defender, nós que corremos, né. Os pais, no caso, ajudaram muito, os professores ajudaram muito, e também, é... Aí você, eu não gosto muito de usar isso, mas aí você tem um deputado que você conhece, você tem um general que você conhece, conhece seu trabalho de longos anos, essas pessoas todas é que tiveram que entrar nesse caso e provar por A mais B, primeiro, que aquele procurador não tinha nada a ver

com nada, ele foi pescado para aquele assunto. Segundo que aquela família foi, era, estava totalmente desestruturada, e isso só chegou à tona, porque a menina confessou na frente do juiz de menor tudo que ela tinha falado pra gente. Que o pai mandava ela furtar, que ela furtava, blá, blá, blá.

P – Ela tinha quantos anos, você lembra?

E – Doze anos. Me lembro do nome dela, de tudo direitinho, ficou marcado. [fs] E o que é pior... [fs]

P – Tem muito tempo, isso?

E - Tem, tem 4, tem 5 anos. E o que é pior, essa menina, depois tudo isso, esse assunto morreu, mas os pais aí se separaram e ela foi colocada numa casa, não, os pais mudaram pro subúrbio. A mãe mudou pro subúrbio com ela, e o pai ficou aqui, tá? Essa menina fugiu depois de alguns meses, fugiu de casa, foi para a rua. Aí ela foi pega por um abrigo na rua, esse pessoal de abrigo, né? E foi levada pra um abrigo. Do abrigo que elas perguntaram onde ela morava, filha de quem era, blábláblá, fui eu a única pessoa que ela deu o nome e pediu pra entrar em contato. E fui eu que tive que ir no abrigo ver a Kátia, e fui eu que tive que entrar em contato com a família da menina pra poder resolver a situação dela. Hoje em dia ela está no calçadão. Entendeu? Então, é muito bonito você falar... a gente passou todo o nosso trabalho de anos foi colocado em risco, porque uma pessoa é, chegou, se intitulou seu procurador, a Escola fez isso, não quis saber o quê que estava acontecendo. Ela já vinha furtando desde que ela entrou na escola. E a gente sempre chamava os responsáveis, relevava, falava, ‘Olha, fica com atenção, dá uma olhadinha nela, vê se ela não está chegando em casa com...’. Eu não sabia o outro lado da casa, que tudo isso que ela fazia era a pedido do responsável. Isso me marcou muito, então, quando eu tenho que encaminhar um aluno pro Conselho Tutelar, eu penso duas vezes, porque eles vão pro Conselho Tutelar, nada resolvem e quando voltam, voltam pior. Porque eles chegam lá e vêem que nada fizeram com eles, e eles se sentem poderosíssimos, entendeu? E chegam aqui fazendo coisa pior.

R22

P – É, é verdade, é verdade... Pensando, bom, então... Mas... Você falou de violência aqui e teria alguma outra questão disciplinar que você acha que...

E – É... eu acho que, por exemplo, eles são, eles têm, eles são muito mal educados, no sentido mesmo da palavra. Por exemplo, não sabem a hora de ficar quietos, é, eles... Parece que muitas vezes se desligam do lugar onde estão e tomam atitudes assim, completamente... falta de educação mesmo. Falam alto, dão um berro fora de propósito ou ouvem *discman* na hora da aula. Você tem de ficar chamando a atenção... Falta de educação mesmo, aquela educaçãozinha básica. Não sei... Talvez os pais estejam preocupados com a formação, é... formação, digamos, assim, mais voltada pra profissão, pro estudo, mas não pra parte de limites, né, aquela educação que vem de casa, que a gente traz de casa e isso acho que tá afetando de modo geral, nem é só aqui não, de um modo geral na educação, eu percebo. Você vê: o pai vem buscar aqui na porta da escola, o aluno completamente sem educação, e o pai não chama a atenção. Não tem mais aquela coisa de família mesmo, educando, não tem mais.

P - E isso apareceria na tua [fs] aula, você percebe, no sentido... [fs]

E – [fs] Aparece, aparece. Ontem [fs] eu comentei sobre isso, da falta de educação, que, por exemplo, ‘numa igreja, vocês não berrariam em uma igreja, não ouviriam um *discman* em uma igreja, por quê?’. Ontem eu coloquei isso pra eles.

P - E isso que você coloca como o mais difícil na tua relação...

E - Na minha relação com eles, é a falta de educação.

R23

P – Desse momento de licenciatura, você lembra de algum autor, alguma coisa, mas não só da licenciatura, porque você tem o normal e deve ter tido bastante discussão pedagógica, principalmente nessa atuação de 1ª a 4ª série, não é?

E – É.

P – Mais do que [fs] talvez de 5ª a 8ª? [fs]

E – Não sei, [fs], porque eu sempre gostei mais de 1ª a 4ª. [fs]

P – Por quê?

E – Porque me identificava mais com os alunos. Acho que você como professora do primeiro segmento, como eles chamam hoje, na época, 1ª a 4ª, acho que você se aproxima muito mais do aluno, o aluno tem muito mais afetividade com você. Primeiro, que muitos são carentes, então, o professor fica sendo uma referência para eles, tanto que tem alunos que até hoje me procuram e já são casados e têm filhos e no Natal, aniversário, eles me ligam, eu acho que fica uma ligação maior, um elo maior, e acho que você consegue transmitir muito mais conhecimento a eles do que propriamente esses de 5ª a 8ª, que você fica simplesmente cinquenta minutos e acabou ali, ele já tem outra professora, tem outra matéria. É tudo diferente, no dia seguinte ele te vê mais um pouquinho, é tudo diferente. Professor de 1ª a 4ª não, você vê todo dia, tem um tempo maior, eu acho muito mais agradável. Se não fosse o problema de horário, uma carga horária maior, eu até hoje estaria trabalhando com a 1ª a 4ª, eu sempre gostei muito.

P – E o aluno?

E – O aluno, eu acho melhor de você lidar, problema tem, mas eu acho mais fácil de você conviver com aquilo do que com esses meninos de dezessete, dezoito anos, a primeira parte, acho que é mais fácil de, eu acho que eles..., não só o respeito, mas assim, você como professora eles tentam procurar em você, de repente, alguma deficiência que ele tem em casa, entendeu? O carinho que ele não encontra na mãe! Acho que é em tudo, acho que você fica sendo realmente a segunda mãe deles, é diferente de 5ª a 8ª. Nessas séries, eles são mais difíceis também, a indisciplina é pior. Já vêm muito mal educados de casa, a gente não consegue dar jeito não.

R24

P – Você falava da avaliação...

E – Aí ela chegou atrasada, porque não sabia onde era a sala, eu já olhei... [expressão de desconfiança] Aí depois ela começou a me dizer que ‘olha, pra gente’, assim mesmo, ‘pra gente trabalhar bem com uma turma, você precisa conhecer a turma’ [fala pausada], e eu falei: ‘É mesmo? Que coisa, né!’ Então, era muito assim, você tem que fazer um diagnóstico da turma para você saber, porque às vezes você tem uma idéia, mas não é aquilo, as turmas são heterogêneas. Aí eu peguei a minha bolsa e fui embora e falei: ‘não, não vou ficar aqui ouvindo isso’. Sabe? É muito assim, eu às vezes sinto que esses cursos que eles programam são

os mestres do óbvio, não trazem nada de novo, e me dá impressão de serem pessoas que estão há muito tempo fora de sala de aula e ignoram problemas do tipo: como eu vou lidar com o problema de um desinteresse que é crônico, de uma coisa que parece que a escola não tem nada a dizer para os alunos, nada de que o professor faça, mesmo sendo professores bons que se importam – claro que tem aquele professor que não está nem aí, mas eu sei que tem pessoas que se importam, e nada do que você faça parece que prende, nada do que você faça parece significativo. Acho que o grande problema de indisciplina na escola vem daí. É uma geração diferente, que quer coisas que a escola não dá.

P – Você tem essa opinião a partir de quê? Das tuas experiências ou de conversas com os professores?

E – Observação dos alunos, observando eles. Grande parte dos alunos acha a escola um grande saco e não vê muita importância no que faz aqui. Vê importância sim, para a mãe ficar satisfeita, porque tem que tirar uma nota boa. Não é uma coisa que ele, como ele mesmo ache: ‘que legal!’ Eu não vejo isso, eu não vejo gozo nos alunos, no que eles fazem aqui na escola. É muito distante da vida deles, de computador, outras coisas...

R25

P – Vamos voltar pra nossa conversa aqui: tem alguma matéria que funcione melhor, que vocês pudessem dar como exemplo de alguma aula que é produtiva, que vocês aprendem...

[falam juntos]

P – [...] vocês já falaram, vamos pra outra aula...

Carol – A Marluce é uma professora boa, se dá bem, brinca com a turma, mas quando ela, sei lá, ela tem que dar esporro, ela humilha muito... Ela fala, pô, ela humilha demais... A Violeta não, ela conversa e tudo... A Marluce, ela dá aula na boa, ela brinca com a turma, mas na hora de humil... de brigar com o aluno, ela humilha pra caraca!

P – Só um minutinho, Moranguinho...

Moranguinho – Eu não acho não, eu acho que todo mundo só respeita ela, porque tem medo que ela esculache geral na frente, sabe por quê? Ela vai, esculacha todo mundo, e aí a gente não pode falar nada! Uma vez, tava eu e a Xuxu de casaco, a gente tava na frente do ventilador, então, a gente tava com frio, aí ela virou e falou

assim: ‘pra estar de casaco, só pode estar doente ou demente!’ [exagera a voz da professora] Olhando pra mim e pra Xuxu... Pô, cara, eu não faço isso com ela, ‘pra dar aula de [...] só tem que ser demente mesmo!’ [risos] Eu não falo isso! Por que ela faz isso comigo?

Carol – Eu acho isso também, eu acho que ela humilha muito as pessoas... Se for botar na balança e ver, as duas têm moral, mas ela é respeito mesmo, a outra, não, é medo.

P – Mas deixa eu perguntar uma coisa, vocês, principalmente, que estão caladinhos: vocês concordam com o que está sendo dito aqui?

Fabiana – Concordo.

P – E os outros abanaram a cabeça, concordando também. [risos]

R26

P – Deixa eu perguntar... Dessas aulas que vocês mencionaram, quais vocês acham que funciona melhor, que dá mais pra prestar atenção e aprender?

Saulo – Vou falar por mim, assim, eu consigo... Nas aulas que eu consigo aprender assim, as aulas da Violeta, eu consigo aprender, porque a forma que ela leva a aula dá pra você entender... Numa forma...

Lourenço – Ela brinca...

Saulo – De um jeito dinâmico, deixa todo mundo interessado e como isso deixa legal a aula. Mas também não deixa o moleque ficar maluco, tocar muita zona, ela sabe falar, aí neguinho fica na boa, fica todo mundo ligado.

Lourenço – E ela não falta nunca, tá sempre lá, ela acha que a aula é importante pra gente. Com a Aline, não consigo aprender porque... Sei lá... Ela é muito arrogante... Sei lá... Ela trata muito a gente mal... E falta pra caramba! Só quem pode falar é ela! Por que que ela pode e eu não posso? Tem que ficar a aula toda parado, não pode falar nada! Fala sério!

P – Quando o professor trata mal, é, você está dizendo que aí não dá pra aprender... Por quê?

Lourenço – Ah, sei lá. Ela explica bem, mas eu não tenho interesse não.

Saulo – Você fica com raiva do professor, acho que é isso. Você fica com raiva do professor e a matéria fica mais chata do que já é... Aí não dá pra colaborar não, é tocar terror mesmo! [risos]

Lourenço – Ela gosta de aparecer... Ela quer um palco só pra ela lá...

P – Hum, hum... Mas isso que vocês estão falando tem uma coisa... Agora eu fiquei pensando, né... Quando o professor não é legal, aí a matéria já fica chata... Mas o prejudicado no final das contas são vocês, né?

Saulo – Com certeza...

Lourenço – A gente corre atrás com trabalho... Agora no final do ano os professores estão querendo que a gente passe mesmo: tem professor passando trabalho que vale seis pra você fazer a prova valendo quatro a prova, e tirando seis no trabalho está passado. Se tirar um na prova, passou bem, com sete.

R27

P – Vocês sabem o que é *bullying*?

Anna – Eu não sei explicar, eu sei, mas não sei explicar.

P – Não sabe explicar não? Tenta explicar pro resto...

Anna – É você ficar falando mal, por exemplo, a Carol, ela é baixinha, aí a gente brinca com ela porque ela é baixinha, ‘Sua baixinha retardada!’, tipo assim...

P – Isso, e vira uma perseguição. Não é uma coisa de vez em quando, é uma coisa assim: aquele é o ‘pele’, as pessoas sempre pegam no pé dele...

Anna – Não, aqui não tem isso não. A gente só brinca, não é perseguição.

Carol – Que nem com o Hermes...

P – Que nem quem?

Carol – O Hermes. O pessoal brinca muito com ele.

Anna – Ele não gosta mesmo! Eu não ligo, mas ele sempre fica irritado quando alguém chama ele de ‘docinho’...

P – Ele não gosta?

Anna – Ele nunca falou nada, ele é um legume, cara! Um dia ele virou pra mim: ‘eu não gosto de você, garota chata!’. [risos] Virou pro Catatau e falou ‘Você é feio!’ [risos]

Pâmela – Ele sei lá, é escroto... Só pegam no pé dele por causa disso.

Anna – Ele não fala nada e quando fala, fala besteira...

P – Tá. Mas não é comum os garotos maiores terem uma relação de dominação...

Anna – Não. [vários falam ao mesmo tempo]

Carol – A oitava série quer mandar no colégio, tanto os garotos quanto as garotas...

Anna – É.

Pâmela – Tem garotas que passam assim, olhando pra você... Teve uma que passou por mim e disse assim: ‘É de verdade?’, eu disse ‘Não’, ‘Ah, porque se fosse de verdade eu ia puxar’, eu fiquei olhando pra cara dela... Aí ela ficou fazendo assim...

P – Mas, no geral, vocês acham que é um clima mais amigável ou mais de tensão aqui na escola?

Anna – Mais amigável.

P – Você falou que é mais amigável e ela falou que é mais de tensão. Vou perguntar pras duas. Dá uns sinais de ser mais amigável.

Anna – É porque eu converso com várias pessoas da oitava série e não tem isso... Porque, assim, as meninas que ela falou, a Lúcia, ou outras pessoas, assim, nunca falaram nada contra mim, nada disso.

P – Tá. Você acha que tem um clima de tensão, Pâmela. Fala então.

Pâmela – Eu sei lá, sei lá, entre a gente assim é amigável e tal, mas entre a oitava série assim, sei lá, tem algumas pessoas...

Carol – Ficam olhando, sei lá... [vários falam ao mesmo tempo]

Pâmela – A Lúcia, ela olha pra gente assim... Eu quero ver se ela repetir, ninguém gosta dela, cara!

P – Mas e o caso do Hermes?

Anna – Ah, ele é que é esquisito! [risos]

R28

P - É... Bom... Agora, voltando então mais pra questão de disciplina, da indisciplina, em termos gerais na escola, como é que você avaliaria a questão da indisciplina?

E - Eu acho... Por exemplo, essa história de violência aqui na escola, eu não vejo. Com exceção daquele episódio do ‘laxante’, que realmente me surpreendeu. Inclusive as pessoas que participaram do episódio, eu fiquei mais surpresa ainda. Eram meninos que estavam... eu pensei, né, que estivessem sendo resgatados pro caminho do estudo. Mas tirando aquele episódio, aqui nessa escola eu não vejo o tipo de violência que eu via, por exemplo, lá em Guaratiba ou até à noite, no estado.

P - Que tipo de violência?

E - Que é uma violência mesmo física, de apanhar, de violência... Que também os alunos da noite também são mais velhos, é outra clientela, não tem como você comparar com adolescente.

P - Claro...

E – Então, tem abuso, né, é outra história. É... Mas aqui na escola eu não vejo essa violência... Eu vejo muito a... Por exemplo, eles querem se impor na voz alta. Isso eu vejo muito: eles querem gritar pra poder marcar o seu espaço, né. Eles acham que...

P - Entre eles ou em relação a professor?

E - Entre eles e em relação a professores. Eles acham que falando mais alto, falando mais grosso, digamos assim, eles conseguem se impor. Ontem aconteceu isso na sala de aula. Eles usaram voz alta, o professor também parece que alterou a voz e... Eles não chegaram a lugar nenhum e acabaram indo pra secretaria todo mundo. Então, é... Mas violência mesmo aqui eu não vejo... Entre eles... Não vejo mesmo.

R29

P – Tá bom. Violência você percebe aqui na escola?

E – [breve silêncio] Violência não, eu acho que agressão. Quer dizer, aqui a maioria que eu sinto é agressão verbal. Quer dizer, quando eles querem te agredir, pelo menos comigo só aconteceu isso, graças a Deus, é uma agressão verbal, né.

P – E entre eles?

E – Entre eles também não vejo violência não, é, umas brincadeiras bobas, uns tapas, umas coisas assim, né. É... eu acho que é mais por aí. Eu acho que eles, que até entre eles, eles se relacionam muito bem. É muito difícil... eu acho que a gente já teve casos de brigas, mas poucos... [i]

P – Então?

E – Então, eu acho que é por aí, entendeu? Se você... agora me perdi.

P – Violência, a gente tava falando...

E – Ah, tá. Eu acho que a gente já teve situações aqui na escola muito mais agressivas. Uma coisa que eu percebi que deu uma melhorada é a idade. Eu acho que quando... A gente já teve alunos muito mais velhos aqui. Hoje tem uns alunos que batem mais ou menos na mesma idade, e eu acho que isso diminui um pouco a violência. Eu acho que quando você tem diferença de idade muito grande dentro

de uma turma, eu acho que você pode ter problemas sérios de violência. Aqui a gente, eu acho que já tá bem melhor isso.

R30

P – Tá. E quanto à violência, você percebe violência aqui na escola?

E – Eu percebo. Eles são muito mais cruéis.

P – Que tipo de violência?

E – Física, mesmo, entendeu? Psicológica, entre eles. Eles não são é... carinhosos entre eles.

P – Você percebe isso nas aulas ou em que outra situação?

E – Eu percebo nas aulas, eu percebo fora, quando eu ando por aí, sabe. Quando eles estão em tempo vago, eu percebo muito isso. Eles não têm uma... eles não são amorosos entre si. Eu tenho poucos alunos amorosos até comigo, até com professores em si. Poucos alunos são amorosos, eles não têm, assim, aquela doçura, né, mais. O olhar deles é mais duro.

P – [fs] Em todas as séries? [fs]

E – [fs] Quando não é duro, é vazio. [fs]

P – Em todas as séries?

E – Não, esse olhar vai endurecendo, essa coisa vai piorando. Eles entram na 5ª série, que é quando eu os pego, de um jeito, são amorosos, são carinhosos, são gentis, o olhar é doce, eles se relacionam melhor; conforme vai passando o tempo, isso piora, é impressionante.

P – Você atribuiria isso a quê?

E – Eu atribuiria isso à vida deles, que eles levam, uma vida tão vazia. Vazia de família, vazia de atividade, vazia de tudo, sem nenhum objetivo. Aí você olha esses olhos vazios e duros. Entendeu?

R31

P – E você percebe violência aqui na Escola?

E – Ah, sim!

P – Você pode dar exemplos?

E – Violência tanto por parte de professor em relação a aluno, quanto de aluno em relação a tudo, a professor inclusive, ou a eles mesmos, porque são brincadeiras que às vezes não são brincadeiras, e também muita violência verbal.

P – Quais seriam os exemplos de violência? Em que situações costuma acontecer?

E – Ontem, por exemplo, um aluno da quinta série, eu particularmente acho insuportável, a família é insuportável, é mal educada, daquele tipo que chega e dá no aluno lá fora, uma família horrorosa. Aí, ele chegou e pediu um, a menina está chegando do nordeste agora, e estava lá num grupinho e ele chegou e pediu um biscoito, a colega disse que não, aí ele: ‘Por favor!’, e ela: ‘Não!’, aí ela foi e deu o biscoito para a outra, aí ele foi e se intrometeu no meio, pegou o biscoito da mão da menina e, nessa, arreventou o colar dessa primeira e arranhou o pescoço da menina inteiro. E é um que todo dia eu falo, e a família, se você entrevistar, é a mesma coisa, é barraqueira, é mal educada. É muito banal, para ele isso... É fácil. ‘Ah, mas ela não quis me dar o biscoito!’.

P – E você acha que... Você mencionou a família, e esse seria um exemplo, mas na verdade haveria outros, é isso? Fez que sim com a cabeça. [risos]

E – Ah, sim, sim, eu esqueço! [risos]

P – Aí eu te pergunto: isso, então, vem sempre de fora, como nesse caso, ou tem alguma coisa na Escola que favoreça a eclosão da violência?

E – Não sei te responder, acho que tem muitos professores que poderiam agir de maneira diferente, mas eu reconheço que às vezes o professor está cansado, e é difícil às vezes lidar com certas coisas. [interrupção]

P – Continuando.

E – Então, eu acho isso: acho que tem professores que poderiam agir diferentemente, mas eu também acho que isso é uma coisa que eles já trazem de fora, muito por conta dessa desconexão entre o que a escola representa e o que a eles verdadeiramente gostariam, e eu não sei como resolver isso.

P – Quando você fala que o professor poderia agir diferente, você pode me dar exemplos de comportamentos que poderiam ser transformados?

E – ‘Seu animal!’.

P – O professor falar assim com um aluno, é isso?

E – Pegar um trabalho e dizer: isso aqui está uma porcaria, e [som de rasgar papel].

P – Você já viu isso acontecendo?

E – Já, e todos se queixam, não é um só que se queixa e não é aluno ruim. É aluno considerado bom, e são vários que se queixam, então, é uma coisa que sabemos que acontece, é complicado.

Anexo

Quadro 7 - Classificação da cor³

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Branca	165	42,0	42,4	42,4
	Parda	128	32,6	32,9	75,3
	Indígena	27	6,9	6,9	82,3
	Preta	29	7,4	7,5	89,7
	Oriental	5	1,3	1,3	91,0
	Não sabe	35	8,9	9,0	100,0
	Total	389	99,0	100,0	
Missing	0	4	1,0		
Total		393	100,0		

Quadro 8 - Você trabalha?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim, trabalho regularmente	15	3,8	3,8	3,8
	Sim, faço "bicos"	8	2,0	2,0	5,9
	Não	368	93,6	94,1	100,0
	Total	391	99,5	100,0	
Missing	0	1	,3		
	System	1	,3		
	Total	2	,5		
Total		393	100,0		

Quadro 9 - Você repetiu alguma série?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	111	28,2	28,6	28,6
	Não	277	70,5	71,4	100,0
	Total	388	98,7	100,0	
Missing	0	5	1,3		
Total		393	100,0		

³ Os quadros desta seção originam-se do *survey* realizado pelo Gesed.

Quadro 10 – Você tem computador em casa?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não tem	107	27,2	27,2	27,2
	Tem 1	286	72,8	72,8	100,0
	Total	393	100,0	100,0	

Quadro 11 – Você costuma usar computador?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	355	90,3	91,0	91,0
	Não	35	8,9	9,0	100,0
	Total	390	99,2	100,0	
Missin g	0	3	,8		
	Total	393	100,0		